



A geleia geral de Torquato Neto

Quarenta e cinco anos após a morte do multiartista tropicalista, sua obra é celebrada em livro, disco e eventos literários



Arquivo de família



“Como Buda, Confúcio, Sócrates ou Jesus, Torquato não deixou livros.” A constatação de Paulo Leminski (1944-1989), feita nos anos 1970, sobre a obra dispersa do poeta piauiense Torquato Neto (1944-1972) soa ainda mais intrigante hoje, passados 45 anos da morte do compositor tropicalista. Isso porque a admiração pela figura multifacetada de Torquato se mantém e é celebrada em 2017 com uma série de iniciativas: da publicação de uma coletânea de poemas a eventos literários.

Nesta edição do **Cândido**, Toninho Vaz, biógrafo do poeta, escreve sobre o percurso intelectual do artista, que deixou sua autêntica marca em várias frentes da cultura brasileira — do jornalismo à MPB, passando também pelo cinema e, claro, pela literatura. “Torquato militou na poesia radical, autêntica, com um cotidiano punk, urbano, sem disfarces”, destaca Vaz.

George Mendes, primo de Torquato e administrador de seu acervo, prepara um disco com material inédito do autor. A pesquisa e catalogação nos arquivos, feita por Mendes, trouxe à tona diversos textos até então desconhecidos, o que triplicou o número de composições feitas pelo poeta. “Os textos estavam bem organizados, alguns com data e até a indicação de quem ele gostaria que interpretasse a composição”, diz Mendes. Ele e o filho único de Torquato Neto, Thiago Nunes, participam da mesa que abre a 12ª Balada Literária, evento paulistano capitaneado pelo escritor Marcelino Freire e que este ano homenageia o autor de “Soy loco por ti, América”.

A edição 74 do **Cândido** ainda traz outros conteúdos instigantes, como a transcrição do bate-papo com a escritora Ana Miranda, que participou da edição de julho do projeto Um Escritor na Biblioteca. Autora de romances

que dialogam com o passado brasileiro, ela falou, entre outros assuntos, sobre o processo de criação de *Boca do inferno*, título que inaugura, em sua produção, uma sequência de romances históricos.

José de Alencar, outro autor nascido no Ceará, ganha destaque na ampla reportagem assinada pelo jornalista e escritor Marcio Renato dos Santos, que conta como o pesquisador Wilton José Marques localizou oito textos do autor que estavam perdidos no acervo do jornal *Correio Mercantil* (1848-1868). Inédito em livro, o material foi editado em *Ao correr da pena (folhetins inéditos)*, obra recém-publicada.

Entre os inéditos da edição, o **Cândido** publica contos de Edyr Augusto, Ana Maria Machado e Pedro Carrano, além de um poema de Francisco Alvim. A seção Cliques em Curitiba mostra o trabalho do músico e fotógrafo Denis Mariano.

Boa leitura.

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura: João Luiz Fiani

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira

Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Marta Sienna

Coordenação Editorial: Rogério Pereira e Luiz Rebinski

Redação: Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy

Estagiários: João Lucas Dusi e Luis Izalberti

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC:

Rita Sollieri Brandt | coordenação

Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:

Allan Sieber, Ana Maria Machado, Denis Mariano, Edyr Augusto, Francisco Alvim, Higor Oratz, Índio San, Mhel Adonis, Pedro Carrano e Toninho Vaz.

Redação:

imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

Cândido na internet:

candido.bpp.pr.gov.br

fb jornalcandido

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.
Horário de funcionamento:
Segunda a sexta, das 8h30 às 20h.
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

CÂNDIDO *indica*

Satã em Gorai

Isaac Bashevis Singer, Editora Perspectiva, 1975



Após Gorai ser desvatada por um ataque brutal de rebeldes guerreiros camponeses, os *haidamaks*, seus cidadãos se dissiparam. Anos depois, quando os poucos remanescentes retornam ao vilarejo, o clima de desolação passa a influenciar suas vidas. Assolados pela miséria, boatos extraordinários sobre um certo Messias chegam a Gorai como uma promessa de salvação, mas coisas estranhas acontecem. Antes uma pacata e regrada comunidade judaica, Gorai se torna um antro de pecados. Escrito originalmente em ídiche, o Prêmio Nobel Isaac Bashevis Singer cria uma história aterrorizante, envolvendo demônios, situações brutais e falsas esperanças.

Homem invisível

Ralph Ellison, José Olympio, 2013



No início do século XX, após ser expulso de uma universidade para negros situada no sul dos Estados Unidos, o narrador-protagonista deste romance parte para Nova York. Desiludido, ao ver um casal de negros idosos ser despejado de sua residência, faz um discurso acalorado e, por sua habilidade retórica, é convidado a fazer parte de um grupo que trabalha “por um mundo melhor para todo o povo”. Aos poucos, porém, percebe que os problemas da sociedade não se resumem a brancos racistas, e que a hipocrisia e a mentira independem da cor de pele. Nessa empreitada existencialista, à *Memórias do subsolo*, de Dostoiévski, o norte-americano Ralph Ellison explora a condição humana sem deixar que ideologias baratas mascarem a realidade.



Misto-quente

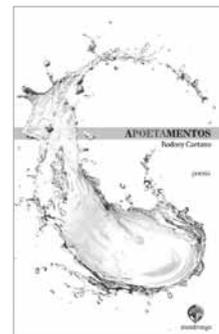
Charles Bukowski, L&PM, 2005



Conhecido do grande público por seus porres homéricos, brigas e envolvimento com mulheres, o personagem Henry Chinaski — *alter ego* de Charles Bukowski (1920-1994) — é apresentado em *Misto-quente* de outra maneira. Neste romance autobiográfico, o leitor acompanha os primeiros passos de Chinaski rumo à vida adulta: o primeiro contato com a bebida, a rejeição na escola, a turbulenta relação com o pai opressor e, principalmente, o despertar para a escrita. Atualmente, é possível encontrar no Brasil livros de todos os gêneros pelos quais Bukowski transitou (poesia, conto e romance). *Misto-Quente* é uma das possíveis portas de entrada para o peculiar universo de Charles Bukowski.

Apoetamentos

Rodney Caetano, Mondrongo, 2017.



O professor e jornalista paranaense Rodney Caetano estreia na poesia com *Apoetamentos*, obra que reúne dezenas de poemas, todos com epígrafes. No texto de apresentação, Affonso Romano de Sant’Anna destaca que o fato de Caetano ser leitor de poesia é algo “original”. “Ao contrário do que ocorre na poesia brasileira, ele vai de um lado a outro, sem constrangimento. [...] Ele se sente à vontade, com tremenda liberdade. É com essa liberdade que se põe a poetar, dono de seu nariz, livre.” Em “Epigrama”, Caetano escreve: “Sol vento/ chuva frio/ Curitiba é assim/ nem festa/ nem fastio.”

Um Escritor na Biblioteca

Divulgação



Em setembro, o jornalista e biógrafo Lira Neto é o convidado do projeto Um Escritor na Biblioteca. O encontro acontece no dia 12, às 19h30, no auditório da Biblioteca Pública do Paraná. A entrada é gratuita. Lira Neto nasceu em Fortaleza (CE), em 1963. Em 2007, ganhou o prêmio Jabuti na categoria melhor biografia, por *O inimigo do rei: Uma biografia de José de Alencar*. Também é autor de *Maysa: Só numa multidão de amores* (2007). Em sua produção, também se destacam os três volumes da biografia de Getúlio Vargas, lançados entre 2012 e 2014. Seu mais recente trabalho é *Uma história do samba* (2017).

Oficina de contos com Nelson de Oliveira

Divulgação



Nos dias 19, 20 e 21 de setembro, a Biblioteca Pública do Paraná promoveu uma oficina de Contos com o escritor Nelson de Oliveira. As inscrições, gratuitas, foram realizadas até 3 de setembro por meio de um formulário no site da BPP (www.bpp.pr.gov.br). Nelson de Oliveira nasceu em Guaíra (SP), em 1966, e desde 1985 vive em São Paulo (SP). É autor dos romances *Subsolo infinito* (2000), *A maldição do macho* (2002) e *O oitavo dia da semana* (2005), entre outros títulos. Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), organizou as antologias *Geração 90 — Contos de computador* (2001) e *Geração 90 — Os transgressores* (2003), títulos que promoveram autores contemporâneos.

A black and white portrait of a woman with dark, curly hair and glasses, looking slightly to the right. The background is dark. The name 'Ana Miranda' is overlaid in white serif font on the right side of the image.

Ana Miranda

A costumada a peregrinar pelo Brasil (e pelo mundo), a romancista Ana Miranda voltou para casa. Ela, que já morou em Brasília, no Rio de Janeiro e em São Paulo, hoje vive em Fortaleza, de onde saiu quando tinha quatro anos. Mais do que uma nota biográfica, esse retorno à terra natal representa uma nova etapa na carreira literária da autora. “Há muito tempo queria escrever alguma coisa sobre minha terra, mas eu não a conhecia, então como é que poderia escrever?”, disse Miranda na edição de julho do projeto Um Escritor na Biblioteca, que contou com a mediação do escritor Miguel Sanches Neto.

A autora cearense estreou em 1978, com a coletânea de poemas *Anjos e demônios*, mas seu nome está associado ao romance. O primeiro que escreveu, *Boca do inferno* (1989), logo virou *best-seller* e até hoje é sua obra mais conhecida. Ambientada na Bahia do século XVII, a história traz para o primeiro plano duas figuras marcantes da cultura brasileira: o poeta Gregório de Matos (1636-1696) e o jesuíta Antonio Vieira (1608-1697). O livro também ganhou o mundo, sendo traduzido na Suécia, Dinamarca, Holanda, Argentina, Itália, Estados Unidos, Espanha e Inglaterra.

Durante o encontro na Biblioteca, Ana Miranda lembrou como construiu, de maneira intuitiva, a narrativa histórica sobre o poeta baiano que deu início a uma sequência de romances elaborados a partir de episódios marcantes do passado brasileiro, a exemplo dos livros *O retrato do rei* (sobre a Guerra dos Emboabas) e *Desmundo* (ambientado no Brasil Colonial), este último adaptado com sucesso para o cinema. “Eu não sabia nada sobre romance histórico, não sabia nada sobre intertextualidade. Ninguém sabia nada sobre isso nos anos 1980”, diz Ana.

Desde seu retorno ao Ceará, ela tem se dedicado cada vez mais à pintura — há alguns anos, por sugestão do editor Luiz Schwarcz, passou a ilustrar as capas dos próprios romances. Essa produção gráfica deve ganhar ainda mais visibilidade em breve, com a publicação de um livro.

O bate-papo na Biblioteca ainda teve ótimas histórias sobre epifanias, cinema, método de escrita e o diálogo de Ana Miranda com outros autores contemporâneos, como Rubem Fonseca e Raquel de Queiroz. Confira o resumo da conversa.



As artes

Na escola em que eu estudava, em Brasília, o ensino havia sido formulado pelo Darcy Ribeiro e pelo Anísio Teixeira. Pela manhã as crianças iam para a escola clássica — estudavam português, matemática, geografia, história, etc. — e de tarde frequentavam a “escola parque”. E era realmente um parque de diversões porque ali eram oferecidas todas as artes — dança, teatro, escrita, pintura, desenho, gravura, cerâmica, além de alguns cursos de línguas. Eu fazia todas essas atividades.

Biblioteca

Mais tarde, fui estudar em uma escola de freiras. Lá havia uma biblioteca com obras para adultos. Lembro que o primeiro livro que peguei foi do [Fiódor] Dostoiévski, um romance chamado *O idiota*. Peguei por causa do título, claro. Achei o nome muito interessante porque eu me achava meio idiota. Naquela época, já havia tentado fazer literatura, no sentido de que falsificava a realidade. Tinha um diário e, então, às vezes alguém me fazia uma pergunta e eu tinha a resposta na mente, mas não tinha coragem de responder. Aí abria o diário e escrevia: “Alguém me fez tal pergunta e eu respondi”. Percebia que com a palavra podia fazer uma reconstrução da vida, do mundo, das minhas dificuldades. Fiquei logo apaixonada pelos livros. As bibliotecas foram muito importantes na minha formação e na formação do meu sonho, pois abriram portas.

Volta ao Ceará

Há um mito dentro do mundo da literatura — e eu acho que em todos os mundos, talvez —, de que nós nos encontramos, mesmo, na nossa aldeia. Mais ou menos como a frase do Tolstói, que é muito repetida entres os escritores: “Se queres ser universal, começa por

pintar a tua aldeia”. Eu tinha vivido em muitos lugares e ainda assim tinha laços fortes por onde morei: tive e tenho raízes em Brasília, no Rio de Janeiro e já estava me enraizando também em São Paulo, com relações de amor, de amizade e família. Mas eu não conhecia as minhas origens. Não sabia algumas coisas do meu comportamento, de onde vinham, e só fui entender quando voltei ao Ceará.

Epifania

Há uns anos, estive em uma aldeiazinha lá em Minas Gerais, na cidade de Carmo do Rio Claro. Um lugar fantástico, como uma visão de aldeia. Depois de subir uma montanha, foi me faltando oxigênio e, quando cheguei no alto, estava ofegante, cansada. Chovia naquele momento e quando eu já estava lá em cima, abriu-se uma fresta entre as nuvens e um raio de luz incidiu sobre a aldeia. Foi uma visão, uma coisa epifânica. Me moveu por dentro. Isso fez surgir dentro de mim algo que estava há muito tempo sendo trabalhado e pensando de uma forma meio obscura, sombria. Naquela hora, comecei a escrever e vinham versos e mais versos à minha cabeça. Anotei tudo. Foram mais de 100 páginas de versos, que posteriormente entraram em um pequeno livro chamado *Prece a uma aldeia perdida*. Depois disso, a sensação que eu tinha é de que se não fosse para o Ceará, ia morrer. Era uma coisa tão forte me chamando, que deixei tudo em São Paulo, vendi meu apartamento, as coisas que eu tinha, etc. As pessoas fizeram muita pressão para eu não ir, mas fui assim mesmo. Fui ao encontro das minhas origens.

Conselho de Raquel

Também tinha vontade de voltar ao Ceará por causa da Raquel de Queiroz. Ela era minha vizinha no Rio de

Janeiro e brigava muito comigo. Dizia assim: “Você não é cearense”. “Sou sim, Raquel. Saí do Ceará e você também saiu”, respondia. Ela retrucava: “Não, eu nunca saí do Ceará”. E realmente ela nunca saiu do Ceará, onde ia, levava o Ceará dentro dela. A casa da Raquel no Rio era uma espécie de embaixada dos cearenses. Ela achava que eu não era cearense porque minha obra não havia “pisado o Ceará”. E isso foi um desafio muito grande. Há muito tempo eu queria escrever alguma coisa sobre minha terra, mas não a conhecia, então, como é que poderia escrever? E minha visão hoje do Ceará é a visão de alguém que ao mesmo tempo é e não é daquela terra.

Bárbara do Crato

Em 1989, quando saiu *Boca do inferno*, a Raquel de Queiroz me chamou na casa dela no Leblon e me deu dois livros. Eram obras sobre uma heroína republicana chamada Dona Bárbara do Crato. Uma mulher fantástica, fortíssima, que comandava exércitos. Ela e o filho proclamaram a República, lá no interior do Ceará — foram republicanos. Depois Dona Bárbara foi presa — a primeira presa política brasileira que se sabia. E essa mulher é trisavó da Raquel de Queiroz. Foi mãe do Padre Martiniano [José Martiniano de Alencar] e avó do escritor José de Alencar. Eu já tinha uma vontade de escrever sobre o José de Alencar, mas o chamava e ele não vinha. Quando a Raquel me deu esses dois livros, ela me deu uma missão: “Quero que você escreva um livro sobre a Dona Bárbara do Crato”, disse. E sabia que ela queria que eu escrevesse um livro nos moldes do *Boca do inferno*, um romance clássico, mostrando a guerra dos padres de 1816, que foi um episódio eletrizante da nossa História. E realmente ainda tenho muita vontade de escrever sobre isso.

“É uma guerra contra o mundo para escrever.”

Criação literária

É uma guerra contra o mundo para escrever. Porque tudo é tão bom, né? E nessa casa onde moro agora, tem uma vista linda, então a vontade de escrever é zero. A vontade é de ficar olhando a paisagem e andar na praia, tomar água de coco, conversar com as pessoas e passear. Então, tem que abrir mão do mundo, de muitos prazeres. Mas tenho conseguido. Em cada época da minha vida tenho uma organização diferente. O que está acontecendo atualmente é que só consigo escrever pela manhã, bem cedo. Acordo mais ou menos às 5h30 e começo a escrever — nem tomo café, nem tiro a camisola. Fico escrevendo até 9h, 9h30. Só depois disso começo a vida. Então, tenho conseguido aos poucos fazer esse romance em que trabalho atualmente. Dizem que a gente come o mingau pelas beiradas, né? É isso que está acontecendo comigo.

Pintura

À noite ponho em minha cama caixas de lápis de cor, papel, uma prancha, régua e me dedico aos desenhos. Até brinco que esse material é o meu marido. Durmo com ele. Fico desenhando, desenhando, aí leio um pouco, depois, quando tenho alguma inspiração, volto a desenhar.

Capas de livros

Faço esses desenhos para mim mesma. As pessoas agora que estão conhecendo, porque foi um acaso. Eu já tinha publicado vários livros, e estava escrevendo *Desmundo*, meu quinto livro, e meu editor, o Luiz Schwarcz, foi na minha casa, no Rio, e viu um desenho colado com durex na porta. Ele achou interessante e perguntou de quem era. Disse que era meu, então ele sugeriu que as capas dos meus livros saíssem com esses





desenhos. A partir do Desmundo, meus romances começaram a sair com as imagens que eu mesma elaboro. E é interessante porque as ilustrações não tem relação direta com o texto. Mas a sensação é que a parte mais profunda do texto está ali naquele desenho. Quer dizer, tem uma absorção diferente, existe uma possibilidade de absorção que não é igual ao que é elaborado nas palavras. São imagens muito oníricas.

Experiência no cinema

Eu era péssima fazendo isso, porque era muito tímida. É péssimo não saber nem falar direito. Mas quando estava no segundo grau, tinha um curso de cinema e uns meninos foram fazer o primeiro filme do curso e me chamaram. Disseram que eu tinha cara de Cinema Novo. Mas fui fazer, com muita vergonha, pois não gostava. Nem vi esse filme. Mas aí, depois eu casei com o Arduíno Colasanti, ele ia fazer os filmes e eu acabava fazendo também. Foi uma coisa assim, ainda nesse ímpeto, de viver a vida, de experimentar de tudo.

Desenho x escrita

Hoje em dia desenho bastante, mas sei que não conseguiria ficar só desenhando, embora eu goste mais de desenhar do que escrever. Acho que meu talento é mais para desenhar do que para escrever. Sinto que sou mais “eu mesma” quando estou desenhando do que quando estou escrevendo. A escrita é um trabalho mais racional, né? Mas não conseguiria viver sem essa experiência da palavra, da construção do mundo com a palavra, que é de uma amplitude fantástica, infinita. E o romance, é o gênero imperfeito. É chamado gênero imperfeito porque ele é a vida. Cabe tudo. A única obrigação é ser mais ou menos verossímil, mais ou menos.

Boca do inferno

Não foi um projeto consciente. Comecei a escrever sobre o Gregório de Matos a partir de um sonho que tive. Sonhei que eu subia em uma torre e lá no alto tinha uma mulher cega, muito velha, que conversava comigo. Ela me dizia que tinha sido amante do Gregório de Matos. Olha que sonho, né? Meio absurdo. Achei aquilo incrível, e comecei a escrever sobre isso. Fui então procurar os poemas do Gregório. A coisa aconteceu assim, como se fosse um raio caindo na minha cabeça, na minha vida. Não foi uma escolha, uma intenção.

Romance histórico

Não sabia nada sobre o romance histórico, sobre intertextualidade. Fazia tudo intuitivamente. E ninguém sabia nada sobre isso nos anos 1980. Sabia-se muito pouco disso no Brasil. Tinha pouco material, poucas discussões sobre o assunto. Depois fui percebendo como surgiu o romance histórico, num contexto de sentimento de valorização da própria identidade. Quando o mundo começa a se globalizar e as culturas começam a se influenciar, então ele nasce um pouco com esse sentido de solidificar e fazer surgir um amor pela cultura própria, pela própria história e pelos próprios personagens. Tanto que nos primeiros romances históricos, os personagens eram heróis, o Walter Scott com *Ivanhoe* e *A dama do lago*, por exemplo. Aí fui lendo e descobrindo. E foi tão interessante, porque eu estava fazendo isso sozinha — sozinha não, porque eu tinha o Rubem Fonseca, uma companhia fantástica, que me dava muito apoio. Mas estava sozinha no sentido de que não tinha conexões. E de repente comecei a perceber que esse tipo de texto estava sendo feito em outros lugares,

porque começaram a surgir coisas muito parecidas com aquilo que eu estava fazendo, como o *Memorial do convento*, do Saramago, que tinha uma história muito parecida com a que eu estava escrevendo. Quer dizer, estava surgindo um novo romance histórico, comecei a perceber que não estava sozinha.

Pureza

Escrevi *Boca do inferno* sem a presença do outro, da crítica. Então, teve uma ingenuidade muito favorável à minha absorção daqueles elementos todos. Teve uma pureza de relacionamento. Não existiu nenhuma crítica exterior àquilo que eu estava absorvendo naquele material. Foi uma relação de muita pureza. Acho que isso ajudou bastante nessa força que o livro tem. É um livro sem medo, totalmente sem medo.

Rubem Fonseca

Ele era totalmente contra o que eu estava fazendo em *Boca do inferno*. “Escreve sobre o seu tempo, escreve sobre o seu tempo”, dizia. E eu estava escrevendo sobre outro tempo, mas também estava escrevendo sobre o meu tempo — sem perceber. Quer dizer, fazia algo que não tinha relação com o que ele fazia. Por outro lado, acreditava muito no que ele falava, no sentido ideológico da escrita. Ele acreditava muito na questão da dedicação, do mergulho, da entrega do escritor naquilo que está fazendo. Depois tem a questão de você realmente dominar a escrita, dominar a técnica, ter domínio da carpintaria. Sempre ouvia ele falando isso e fui pegando as coisas. Ficava muito atenta a todas as manifestações dele. E depois, essa questão de você abandonar as outras coisas para se entregar realmente à literatura. Ele sabe tudo isso, ele sabe perfeitamente, conhece muito bem. Ele

“Sou só uma obediente,
escrava dos temas sobre
os quais quero escrever.”



leu tudo. Ele lê um livro por dia até hoje. Uma coisa impressionante.

Geração 1980

Gosto de muitos autores da minha geração — a dos anos 1980 —, como Milton Hatoum, Cristovão Tezza, etc. Quer dizer, me considero dessa geração. Acho que é um grupo de escritores que tem um grande mérito, porque trabalham com a literatura como arte, ou seja, desligados das questões de mercado. Hoje há uma exigência para que o jovem escritor escreva um livro que venda, que seja realmente lido, que seja adaptado para o cinema, para a TV. Muita gente está escrevendo com essa pressão. E nós começamos a sentir isso, mas ainda víamos a literatura como “a arte da palavra”.

Trabalho com a literatura como se fosse uma pintora, uma desenhista. Estou fazendo arte. Acho que a literatura já teve muita importância no debate dos costumes, para as pessoas do século XIX. A formulação do rosto brasileiro foi feita através da literatura, com os românticos, o próprio José de Alencar e o Gonçalves Dias. E havia os folhetins, as pessoas liam para debater sobre o comportamento humano. Mas isso foi sendo usurpado por todas as outras artes, pela mídia. Hoje em dia, são as novelas que debatem o comportamento das pessoas, das famílias, o comportamento social — e de uma maneira muito frágil, um pouco suspeita, porque tem muitos interesses mercadológicos envolvidos nesse debate de comportamento. A literatura ficou só

com uma questão, que só ela realmente pode dar conta: que é a transformação da palavra em arte. É a única coisa que resta. Acho que da geração dos anos 1980, há muita gente fazendo literatura nesse sentido, como arte.

Novos trabalhos

Sempre fujo desse assunto. Nunca falo sobre o que estou escrevendo, porque é muito perigoso. Eu era muito amiga do Fernando Sabino, aí um dia ele chegou para mim e falou: “Ana, vou escrever um livro fantástico, um livro maravilhoso, é a história de um cara mais velho, professor, e tem uma aluna, menina de 12 anos”. Eu falei: “é *Lolita*, do Nabokov”. Aí ele caiu em si. Disse: “É verdade, é *Lolita*”. O Sabino desistiu

do livro, porque destruí o projeto dele. Mas lógico que não ia ser *Lolita*, seria outro livro. Eu devo ter uns 60 livros para serem escritos. E fico lidando com vários assuntos. Tenho estantes com ideias para livros a serem escritos, que eu vou guardando. Eu chamo de “Edifício de Livros”. Nunca sei a hora nem qual é o livro que vai descer. E também não falo. Mas estou escrevendo dois livros agora, lutando com eles. Não sei qual dos dois vai vencer. Tem um que eu gostaria, mas estou com muita dificuldade de encontrar a voz — como tive no *Desmundo*. É uma coisa tão trabalhosa. É muito difícil. O livro é quem manda, sabe? Então, sou só uma obediente, escrava dos temas sobre os quais quero escrever. ■

REPORTAGEM





O surpreendente legado do fundador da literatura brasileira

Cento e quarenta anos após a morte de José de Alencar, o pesquisador Wilton José Marques localiza oito textos do autor publicados apenas no jornal **Correio Mercantil** (1848-1868), inéditos em livro

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Há dois anos, o professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) Wilton José Marques realizou pesquisa nas páginas do jornal carioca *Correio Mercantil* (1848-1868) em busca de textos de Machado de Assis. Marques encontrou “O grito do Ipiranga”, poema publicado em 1856 pelo futuro autor de *Dom casmurro* e que, até 2015, não era conhecido ou citado nem por estudiosos do legado machadiano. O pesquisador decidiu ampliar a pesquisa com a finalidade de saber que outros autores também publicaram naquele mesmo jornal.

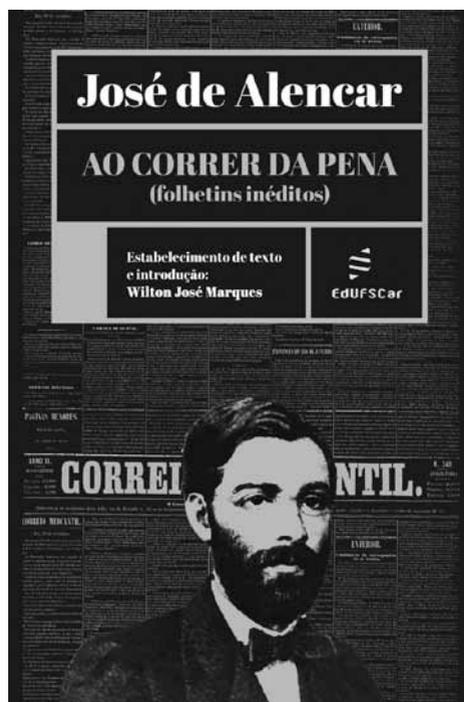
Então, Marques se deparou com folhetins de José de Alencar (1829-1877). No século XIX, a crônica se chamava folhetim: os textos extensos, publicados aos domingos, tentavam dar conta dos principais assuntos da semana. Ao fazer o levantamento da produção de Alencar no *Correio Mercantil*, o pesquisador da UFSCar percebeu que havia uma discrepância de número entre os folhetins do jornal e os que foram recolhidos em livro.

Publicada em 1874, a coletânea *Ao correr da pena* reúne 37 textos. No entanto, a pesquisa de Marques trouxe uma nova informação: Alencar publicou 45 textos no jornal entre 3 de setembro de 1854 e 8 de julho de 1855. A partir deste dado, ele se dedicou ao assunto, o que resultou em *Ao correr da pena (folhetins inéditos)*, obra recém-publicada que traz os oito textos de Alencar inéditos em livro e “O enigma dos folhetins”, ensaio em que Marques discute os motivos que levaram o autor de *Iracema* (1865) a excluir conteúdos da coletânea de 1874.

O professor da UFSCar acredita que os oito textos foram excluídos da primeira edição por interferência do próprio Alencar. De acordo com Marques, o primeiro indício disso é que Alencar, no fragmento de uma carta publicada pelo organizador do livro (José Maria Vaz Pinto Coelho), afirma que, caso tivesse tempo, faria uma revisão em todos os textos: “Curiosamente, o primeiro folhetim da série foi modificado em vários momentos, o que sugere que Alencar começou a mexer nos textos. No entanto, em 1873, ano da referida carta, Alencar foi diagnosticado com tuberculose e, por recomendação médica, viajou ao Ceará. Ou seja, impedido de realizar uma revisão mais criteriosa, Alencar, além de pedir a exclusão dos oito folhetins, deixou que os demais fossem publicados tais quais estavam na coluna, chamada *Ao correr da pena*.”

“Se é viável ler Machado de Assis, Graciliano Ramos ou Guimarães Rosa a partir de chaves simplesmente literárias, como o humor, a linguagem e a construção psicológica dos personagens, toda a obra de Alencar se confunde com o Brasil.”

Eduardo Melo França, professor da UFPE



Livro recém-publicado traz oito textos de Alencar e um ensaio de Wilton José Marques.

Marques admite que é difícil explicar, em poucas palavras, os motivos das exclusões dos oito folhetins, sobretudo porque dependendo do folhetim existem vários possíveis motivos. No entanto, ele cita um exemplo, o texto publicado no dia 8 de outubro de 1854, estruturado em torno do embate entre a idealização do passado e a crítica do presente.

Após construir a imagem literária idílica dos “tempos de outrora” do Rio de Janeiro, Alencar passa a discutir a revolução tecnológica que se aproximava com a chegada das máquinas de coser ao Rio de Janeiro — “de maneira que agora sai um homem pela manhã, compra pano na loja, passa pela fábrica, e de tarde recolhe-se com o seu enxoval pronto para ir ao baile”.

Para arrematar o texto, o folhetinista faz, então, uma aparente apologia ao progresso tecnológico e, com indistigável e ferina ironia, destaca “que alguns países descobriram uma espécie muito importante” de melhoramento no mundo das máquinas: a “máquina-deputado”, aquela que, ao contrário de outras, era movida pelo interesse e, sobretudo, por “pão de ló”, o que, no jargão político da época, significava propina.

“No caso deste folhetim, a visada irônica sobre a ‘máquina-deputado’ e, por tabela, sobre o funcionamento da vida política no país poderiam ser os motivos óbvios que levaram o autor a excluí-lo do livro de 1874”, comenta Marques, acrescentando que Alencar não apenas tinha ocupado o cargo de Ministro da Justiça (1868-1870) como também, naquele momento histórico, era um deputado de terceira legislatura.

O professor da UFSCar analisa que a publicação deste folhetim em livro, mesmo levando-se em conta o seu conhecido temperamento de polemista, poderia criar uma situação no mínimo constrangedora para o autor romântico:

“Para não ferir suscetibilidades, Alencar deve ter pensado que era melhor deixar de lado esse exercício literário de juventude.”

Questão de pioneirismo

O professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Eduardo Melo França admira as crônicas de José de Alencar. “Ele era o que podemos chamar de escritor engajado. Por meio de suas crônicas ficamos sabendo das (então) últimas novidades da moda ou da chegada de novas máquinas de costura quando o lemos falando sobre política e literatura. Sua coluna ‘Ao correr da pena’ era diversa, leve e informativa”, opina.

A professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Andréa Sirihal Werkema acrescenta que Alencar é responsável pela criação de um estilo folhetinesco que une a observação aguda dos acontecimentos da vida nacional, centrada na Corte [Rio de Janeiro], aos devaneios literários, o que resulta em textos marcados pelos trocadilhos e metáforas de leveza e seriedade sobrepostas. Já o escritor Alberto Mussa, autor, entre outros livros, de *A hipótese humana* (2017) e *A primeira história do mundo* (2014), diz não ter interesse no Alencar cronista: “Nunca me interessei pelas crônicas do Alencar. Os romances dele é que me ocupam.”

De fato, o legado literário do escritor cearense José de Alencar é conhecido, lido e estudado quase 140 anos depois de sua morte, em 12 de dezembro de 1877. No entendimento de Alberto Mussa, Alencar é o primeiro grande romancista brasileiro, o primeiro que demonstrou domínio pleno da técnica romanesca, associado a uma enorme capacidade de fabulação e a um amplo espectro temático: “É ainda o primeiro a propor um verdadeiro experimento da alteridade, especialmente em alguns romances indianistas e regionalistas.”

Eduardo Melo França observa que, se Machado de Assis é o maior autor da literatura brasileira, José de Alencar foi o escritor que de forma mais determinante se ocupou com a fundação de nossa literatura. Durante o romantismo, continua o professor da UFPE, Alencar foi essencial para a escolha da cor local como elemento definidor da literatura brasileira. “Além do quê, com *Iracema* (1865) e *O guarani* (1857) ele definitivamente desvinculou a literatura brasileira da portuguesa, dando-lhe o status de autônoma. Por fim, vale salientar que Alencar, com o seu romance regionalista, também contribuiu para nossa visão de Brasil diverso, amplo, com várias particularidades, mas ainda assim único”, analisa França.

Dialogando com o professor da UFPE, Andréa Sirihal Werkema afirma que Alencar é, na literatura brasileira, o que se poderia chamar, realmente, de um fundador. “Em vários aspectos, ele instituiu padrões para a produção literária de nossos séculos XIX e XX. Da bandeira do nacionalismo literário, que ele empunha e fixa como padrão para o nosso romantismo, à discussão sobre uma língua literária brasileira, incluindo a criação de modelos de romance que estabelecem em definitivo o gênero entre nós e ainda a pesquisa sobre as múltiplas realidades nacionais”, diz Andréa, para quem tais questões o credenciam como um autor fundamental em nossa história literária.

Relevância e linguagem

Andréa Sirihal Werkema salienta que os romances de Alencar podem ser lidos como fragmentos de um projeto de conhecimento da realidade nacional, uma vez que contemplam diversas realidades que conviviam no Brasil do século XIX e/ou o conformavam — como cidades, vida em sociedade, campo, história do Brasil e exotismo indianista.



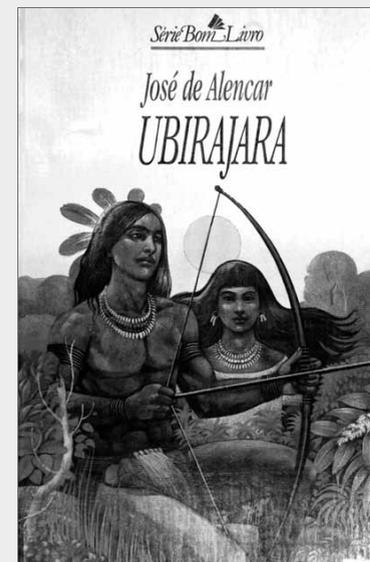
Iracema

“Este livro é uma obra-prima, dentro e além da literatura brasileira. Não devemos nos insensibilizar por sua canonização”, afirma a professora da Uerj Andréa Sirihal Werkema. Publicado em 1865, o romance envolve um aspecto histórico polêmico: a protagonista Iracema trai seu povo e sua cultura por amor ao homem branco, Martim. “Além disso, é uma experimentação ousada com a forma literária, que funde romance, novela, poesia e cria, do nada, uma língua completamente literária, ao fazer do português uma espécie de tradução lírica da língua tupi”, diz Andréa.



O Guarani

Na avaliação da professora da PUCRS Maria Eunice Moreira, *O Guarani* (1857) é o destaque do legado de José de Alencar. “Com este livro, Alencar funda não só o romance brasileiro, mas a literatura brasileira”, diz Maria Eunice. A obra traz, entre outros destaques, os personagens Peri e Ceci, presentes no imaginário nacional e, no caso de Peri, cantado por Caetano Veloso em “Um índio”. Adaptado para ópera por Carlos Gomes, o romance funde, como enfatiza a professora da PUCRS, elementos nativos com estrangeiros (o mundo natural e o civilizado).



Ubirajara

O romancista Alberto Mussa considera *Ubirajara* o ponto alto do legado de José de Alencar. Publicada em 1874, a narrativa é, como Mussa salienta, o único romance pré-histórico da literatura brasileira, o único que tem apenas índios como personagens. O personagem que empresta o nome ao livro representa a base da formação do povo brasileiro. “É um romance que desafia e afronta os valores morais do Ocidente cristão e que exalta as virtudes selvagens. É o maior romance indianista de todas as Américas”, afirma Mussa.

“Ele [José de Alencar] entendia que a literatura poderia ser um elemento forte e decisivo para a construção da pretendida independência brasileira, pois o escritor considerava a literatura nacional como a própria ‘alma da pátria’”.

Maria Eunice Moreira, professora da PUCRS

“Mas não só isso. Dentro de gama tão variada, é possível dizer que o ponto de contato entre os romances do autor é a preocupação com o estabelecimento do gênero [romance] no Brasil, pois Alencar demonstrou em mais de um momento preocupação em buscar uma forma literária para a nova literatura que se instituía num país novo, e também a necessidade de usar e discutir uma língua nova, marcadamente brasileira, para a expressão de sua literatura”, diz a estudiosa.

Para Alberto Mussa, Alencar foi um romancista erótico, antropológico, heroico, irônico, psicológico, em sua circunstância histórica, ou seja, no momento da formação do romance brasileiro, quando não existia praticamente nada de relevante. Ele observa que, na obra de Alencar, convivem algumas linhas temáticas diversas, mas que não se repetem em todos os romances.

“Nem todas as narrativas têm pontos de contato. *As minas de prata* (romance publicado em dois volumes, em 1865 e 1866) não tem nada a ver com *Lucíola* (1862). *Encarnação* (1893) é completamente diferente de *O gaúcho* (1870). Mesmo entre *Ubirajara* (1874) e *O guarani* (1857), classificados como ‘indianistas’, há quase nada em comum, salvo a presença de personagens indígenas”, analisa Mussa.

Eduardo Melo França diz que, em todos os livros de Alencar, é possível reconhecer uma vontade de desvendar e representar o Brasil: “Se é viável ler Machado de Assis, Graciliano Ramos ou Guimarães Rosa a partir de chaves simplesmente literárias, como o humor, a linguagem e a construção psicológica dos personagens, toda a obra de Alencar se confunde com o Brasil.”

França lembra que o legado do escritor cearense costuma ser dividido em três partes: romance urbano (*Senhora*), romance indianista (*Iracema*) e o romance regionalista (*O gaúcho*). Alberto Mussa analisa que *Iracema* também pode, por exemplo, ser classificado como romance histórico, “pois se inspira em um personagem real, Martim Soares Moreno (1586-1648)”.

Imaginário de Alencar

A professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) Maria Eunice Moreira comenta que Alencar viveu apenas 48 anos e, nesse relativo curto tempo de vida, tratou de todas as questões relevantes do contexto em que esteve inserido, mostrando-se um homem comprometido com o seu tempo e lugar. Eduardo Melo França acrescenta que, por meio do romances urbanos do autor, ficamos conhecendo a rotina da então capital brasileira, o processo de afrancesamento da nossa cultura e o que se costuma chamar mercantilização do casamento.

Alberto Mussa acredita que nenhum escritor, de qualquer época ou lugar do mundo, problematizou todas as questões do tempo em que viveu: “Nem Machado de Assis, que é o maior escritor já nascido no planeta, alcançou esse feito. E nem Balzac, que tentou fazer um painel completo da humanidade, abordou todas as grandes questões da sua época.” Mussa tem a impressão de que Alencar tratou as questões que eram relevantes para ele, José de Alencar. “Isso já é bastante”.

Andréa Sirihal Werkema pondera que não é tão óbvia a problematização de “questões de seu tempo” na obra de Alencar, a não ser que se considere um espectro maior, e não apenas os seus romances. “É da natureza do escritor romântico a evasão para tempos e lugares diferentes, o que aparece forte na veia indianista, histórica ou mesmo regionalista de Alencar. É certo que esses seriam aspectos fundamentais de uma preocupação com os temas nacionalistas e mesmo formadores de nossa literatura”, argumenta.

A professora da Uerj salienta que, por outro ponto de vista, certas questões mais diretamente ligadas ao momento da produção de sua prosa aparecem nos chamados romances urbanos, que buscavam retratar personagens e situações na corte fluminense contemporânea à sua escrita. No entanto, continua Andréa, mesmo aí [romances urbanos] as questões dizem respeito a costumes, à moral, hábitos mundanos, vestimentas, tabus e conformações das classes sociais na cidade que centralizava o interesse público do Segundo Reinado (1840-1889).

“É na crônica folhetinesca e no teatro que José de Alencar vai tocar em questões mais prementes de sua época, como a política exterior, os eventos da política nacional e a escravidão”, comenta a estudiosa. Andréa não deixa de notar a ausência de protagonistas negros escravos nos romances do escritor. “Há tematização da condição servil em peças como *Demônio familiar* (1857) e *Mãe* (1860). O teatro, no século XIX, era o lugar de debate e polêmica, e sua condição pública talvez tenha atraído o polemista Alencar a discutir certas questões”, completa.

Múltiplo impacto

Peri e Ceci, do romance *O guarani*, são apontados por Alberto Mussa e Maria Eunice Moreira como os mais impactantes personagens criados por José de Alencar. “Eles representam o ponto central da proposta para a literatura nacional, nos termos em que a pensava José de Alencar”, comenta Maria Eunice. Para Eduardo Melo França, quem se destaca no legado do escritor cearense é Aurélia, protagonista do romance *Senhora* (1875) — uma das primeiras personagens femininas da literatura nacional: “Ela é forte, fria, magoada e maquiavélica.”

Andréa Sirihal Werkema afirma que uma das heranças da obra de Alencar é a nomeação de brasileiros e brasileiras a partir de suas obras e de seus personagens, entre os quais Iracema. O nome, lembra a estudiosa da Uerj, é criação de Alencar, que o formou livremente a partir do que acreditava significar “lábios de mel” em tupi: “No entanto, o nome não existe no vocabulário da língua indígena, sendo original e, portanto, inteiramente literário. É um atestado de força e de fixação no imaginário nacional”.

A obra de Alencar tem impacto múltiplo e influencia, como aponta Alberto Mussa, a cultura popular, “uma vez que personagens da literatura dele deram nome e caráter a caboclos da umbanda, como Ubirajara e Peri.” Andréa Sirihal Werkema chama a atenção para o fato de que o legado do escritor foi fundamental para a obra de outro grande romancista, Machado de Assis, que — de acordo com a pesquisadora — “soube ver em seu predecessor as qualidades que faziam dele um escritor original, criativo, fundador de uma tradição de narrativas brasileiras”.

Maria Eunice Moreira destaca a militância de Alencar, por meio da literatura, pela autonomia do Brasil: “Ele entendia que a literatura poderia ser um elemento forte e decisivo para a construção da pretendida independência brasileira, pois o escritor considerava a literatura nacional como a própria ‘alma da pátria’”.

Já Eduardo Melo França analisa que, até mesmo no século XXI, o Brasil segue os conselhos do autor de *Iracema* (1865) para se apresentar diante do mundo. “Nossas belezas naturais e exotismos ainda parecem o nosso cartão de visitas. Se hoje reconhecemos beleza e importância na contribuição indígena para a construção do povo brasileiro, devemos muito a Alencar”, afirma França. ■



EM NOME DO PAI

A Carlos Moraes



Leo Gibran Ilustração

Desde pequeno, padre Olímpio jogava futebol com o pai. Aprendeu a atacar e defender no quintal de casa. Depois, os dois brincaram com a bola na praça entre balanços e gangorras, jogaram pelada no campinho da várzea. Às vezes, na torcida, assistia ao jogo dos adultos, entusiasmado com os feitos do velho. Mais tarde, nos torneios entre as escolas da cidade, o menino sentia o peso da responsabilidade ao saber que o pai estava ali, sentado na arquibancada, apostando em cada uma de suas entradas na bola. Ficava feliz em algum lance de que o velho poderia se orgulhar. Ao final, esperava os comentários dele, analisando a partida e dando conselhos. Não de jogo, mas de vida:

— Tem de ter espírito de equipe.

O bom jogador não pode pensar só em si mesmo. Nunca se deixa o outro na mão.

No tempo do seminário, quando vinha passar um dia em casa, quantas vezes os dois aproveitaram para irem juntos ao estádio... Ou assistiam à transmissão de jogos pela televisão, lado a lado, entre cervejas e tira-gostos.

Talvez por isso, agora que o padre estava preso, vivia cada oportunidade de bate-bola como um momento de estar também com o velho na memória. Juntos, um ao lado do outro, superavam os limites físicos. Passavam por cima dos muros do quartel em volta do filho, das paredes do hospital em torno ao pai. Venciam a distância entre o equipamento de soro na capital e as grades naquela guarnição de fronteira.

O fato era que padre Olímpio era um craque. Crescera como atleta ao longo do tempo. Jogava bem e com entusiasmo. Tanto que seu nome era sempre o primeiro a ser escolhido quando os prisioneiros iam formar os times na hora do banho de sol. Os soldados que os guardavam ficavam admirando. Acabavam até incentivando. De

vez em quando até mesmo um oficial parava para assistir.

Também, devia ser uma distração para eles. O grupo de presos políticos era uma novidade. Quartel do exército não é prisão. No máximo, serve de punição disciplinar para a tropa. Ou, no caso de um lugar tão remoto como aquele, perdido no meio dos pampas, já quase no Uruguai, o velho forte não oferecia muita chance de distração. Podia até ser uma espécie de exílio para um ou outro oficial mais problemático que estivesse precisando de um corretivo ou houvesse incorrido na má vontade de um superior.

Aquela história de transformar os militares em carcereiros de presos políticos vindos de longe não era vista com bons olhos por todos. Cumpria-se o dever, sem dúvida. O regulamento era severo e a disciplina, rígida. Mas ao contrário do que podia acontecer em outros postos menos isolados, ali os militares não se sentiam combatendo um inimigo na pessoa daqueles magricelos fracos, uns intelectuais barbudos e operários sofridos, entregues a seus cuidados. Dava para afrouxar um pouco com relação ao futebol — que era permitido todo dia. Assistir ao jogo dos presos era quase um momento de feriado.

Depois de uns dois meses dessa rotina, um dia padre Olímpio foi levado à presença do comandante. Ficou preocupado com a novidade. Desde sua chegada, nenhum dos presos tinha passado por isso naquela guarnição. Os interrogatórios, os maus-tratos, tudo tinha ficado para trás, na cidade, no tempo de antes de serem removidos. O que estaria à sua espera agora? Imaginava as piores coisas. Mas não dava para evitar algum lampejo de esperança — de um habeas-corpus, uma ordem de soltura. Tudo era tão arbitrário naquela prisão, jamais

lhe tinham dito por que o levaram. As perguntas que lhe fizeram tinham sido tão aleatórias e absurdas que não dava para estabelecer um padrão claro. Tudo era possível.

Desta vez, de novo, as questões o surpreendiam. Não se referiam mais a seus sermões, às pessoas que conhecia, à comunidade onde vivera, a seu trabalho pastoral — como nas ocasiões anteriores. Mas envolviam sua formação no seminário, seus antecedentes esportivos. Quando deu por si, tinha baixado a guarda e estava falando sobre o pai, com carinho, com saudades, quase com um nó na garganta. Rapidamente se conteve e calou.

O comandante insistiu. Voltou à mistura de assuntos: o futebol e os compromissos sacerdotais. De repente, fez-lhe uma proposta surpreendente.

— Esperamos poder contar com seus préstimos.

Estava havendo um campeonato regional entre várias equipes amadoras. A final ia ser no domingo, em outra cidade. O time da guarnição iria disputá-la. Pela primeira vez em sua história. Mas havia um problema: o artilheiro tinha se contundido no último treino. E alguns oficiais tinham aventado a possibilidade de que padre Olímpio o substituisse. Já sairiam do forte em trajes esportivos, num caminhão do exército. Portanto, a rigor, ele não estaria usando uma farda indevidamente, o que seria um fato grave. Mas precisaria se comprometer a guardar segredo.

— A ordem é fechar o bico. Não estou lhe mandando mentir. Ninguém vai mesmo perguntar nada. É só não sair contando.

Olímpio achou divertido. Ia passar o dia fora do quartel, passear por outra cidade, jogar uma boa partida contra novos

adversários. Novidades bem-vindas, dentro daquela rotina de prisão, confinada à cela, refeitório, banho de sol, pátio. Aceitar não tirava pedaço. De qualquer modo, não tinha escolha nem ilusões. Só o estavam levando porque jogava bem. E se não topasse, tinha certeza de que sua situação ia piorar muito no quartel.

Durante três dias treinou no time da guarnição, e não mais com os prisioneiros. Descobriu no cabo Pacheco um parceiro de qualidade. Um sujeito com excelente visão de jogo, rapidez de decisão, bom arranque, chute preciso. Juntos fizeram uma boa dobradinha, trocando passes rápidos, aproveitando oportunidades.

No domingo, dia do Senhor, padre Olímpio fez suas orações bem cedo, como sempre. Não lhe permitiam que celebrasse o sacrifício da missa na prisão, mas ele sempre procurava guardar o dia de forma especial, falava com os companheiros sobre o tempo litúrgico, rezava com quem quisesse acompanhá-lo. Dava a bênção aos que o cercavam:

— Em nome do Pai...

Esse era o primeiro domingo do advento e ele disse algumas palavras sobre o significado desse momento de espera, de preparação para a vinda do Senhor a ser festejada no Natal, cumprimento da promessa divina feita aos homens, penhor da salvação.

Pouco depois, foi levado à presença do sargento. Deram-lhe uma roupa esportiva para vestir, igual à dos outros — calção, camisa, meias, chuteiras, uma calça larga, um blusão com zíper. Ao lado dos outros, ouviu a preleção sobre as responsabilidades daquela experiência. Depois entraram todos no caminhão do exército que os levaria pela estrada até a cidade em cujo estádio iriam jogar. Com ordens expressas para estarem de volta antes da chamada e do toque de recolher

ou iriam em cana e nunca mais saíam novamente para outras partidas.

Se depois perguntassem a ele como haviam sido os lances do jogo, não saberia dizer ao certo. Por mais que soubesse que continuava tão prisioneiro como antes, estava completamente dominado pela sensação de liberdade. Além dos companheiros da equipe, ninguém ali sabia quem era.

Ele mesmo esquecia. Corria, driblava, chutava, dava passes, disputava a bola, gritava, esmurrava o ar, punha as mãos na cabeça se falhava uma jogada, xingava, cuspiam, ajeitava a meia.

Igual a todo mundo que não vivia atrás das grades. Igual aos jogadores a que sempre assistira em campo ao lado do velho. Igual a si mesmo em outros tempos, sem muros ou cadeados de prisão.

Só faltava o pai sentado na arquibancada, torcendo por ele. Ou não faltava? Talvez apenas não fosse visível. Mas até dava para ouvir o grito de incentivo:

— Vai, filho!

Ele foi. Pediu, teve preferência. Tão bem colocado, que a bola lhe chegou exata, ambos na velocidade certa para o encontro, uma breve corrida, a ginga, uma leve ajeitadinha, o chute preciso encobrindo o goleiro.

— Gooooo!!!!!!

Decisivo. Garantiu a vitória.

Foi carregado pelos companheiros de equipe. Celebrado por todos, elogiado pelo sargento, abraçado no vestiário. Só não fizeram uma batucada na volta, em sua homenagem, porque em caminhão do exército não dava mesmo pé. Nem o sargento ia deixar. Mas a festa estava no ar.

Até que o veículo deu um solavanco e parou de repente.

— O que foi?

— Olha só o tamanho do buraco na estrada.

— Uma cratera ...

— Quebrou o eixo.

Não ia dar para consertar tão cedo. O sargento, rapidamente, deu as ordens. Mandou que fossem voltando de carona para o quartel, aos poucos, à medida que passassem carros naquela direção. De lá mandariam um mecânico, providenciariam um reboque. Mas era importante que todos estivessem de volta a postos, na hora de responder à chamada.

Dois num carro, três em outro, cinco numa caminhonete, todos se precipitando para as caronas e preocupados em não faltar à chamada. Aos poucos o grupo foi diminuindo. De repente, Padre Olímpio percebeu que só restavam ele e o caminhão vazio. Largados no meio da estrada.

No anoitecer que chegava, podia atravessar a pista, se afastar do caminhão abandonado, deixar para trás a volta à prisão, sumir no mundo. Sagrado direito de todo prisioneiro.

Deu uns passos, afastou-se do veículo. Depois da curva, já nem o via mais. Quando ergueu o braço para pedir carona a uma van que se aproximava, sentiu que tinha à sua frente todas as escolhas. Empolgado mas contido, disse apenas:

— Obrigado, vou até onde vocês forem. Depois me viro.

Horas depois, ao adentrar o pátio do quartel, foi recebido pelo comandante da guarnição:

— Já pra sua cela. O sargento já foi punido. Foi um irresponsável. Não tinha nada que largar você assim, sozinho na estrada...

— Eu não fiquei sozinho.

— Diante do olhar espantado, completou:

— Meu pai me obrigou a vir. Pra não deixar vocês na mão. ■



 **Ana Maria Machado** nasceu no Rio de Janeiro, em 1941. É escritora e tradutora. Escreveu mais de cem livros para crianças, publicados em dezessete países, e também obras para adultos. Em agosto de 2003, tomou posse na Academia Brasileira de Letras (ABL), onde ocupa a cadeira número 1. O texto publicado pelo **Cândido** integra o próximo livro de contos da autora, ainda sem título, que será publicado em 2018 pela editora Alfaguara.



A fúria da linguagem em Torquato Neto

O poeta piauiense ajudou a moldar a Tropicália com textos jornalísticos, poemas e letras de canções. O biógrafo **Toninho Vaz** traça o caminho intelectual do artista, que deixou uma obra fragmentada, mas ainda impactante

“Cada louco é um exército”, Torquato Neto

Ícone da poesia brasileira de resistência, Torquato Neto enquanto existiu primou pelo alto grau de autenticidade e radicalismo. Jornalista atuante na área cultural, com pegada na poesia e na música, seu tempo de atuação se circunscreve ao tenebroso período da ditadura militar — final dos anos 1960, começo dos anos 1970, os chamados “anos Médici”. Torquato, o Breve, não deixou exatamente uma obra literária, ou poética. Sua produção em grande escala aconteceu no jornalismo, notadamente como titular da coluna “Geleia Geral”, publicada pelo jornal *Última Hora*. Teve atuação significativa também como letrista da nascente MPB, quando foi um dos principais arautos do Tropicalismo, ao lado dos parceiros Caetano Veloso e Gilberto Gil. Neste caso, sendo a Tropicália uma chuva refrescante sobre o verão escaldante dos anos loucos — e da sisuda MPB dos festivais.

Foi o conceituado professor e poeta Augusto de Campos quem primeiro delimitou o terreno, sentenciando que “não existe uma poética de Torquato Neto”, simplesmente porque o piauiense não teve tempo e nem intenção. Nenhum demérito nesta constatação, pois o próprio Torquato deixou claro seu conceito:



Arquivo da Família



“Um poeta não se faz com versos. É o risco, é estar sempre a perigo, sem medo, é inventar o perigo e estar sempre recriando dificuldades pelo menos maiores, é destruir a linguagem e explodir com ela.”

Viver a vida poeticamente, sem disfarces. Não se pode distanciar a poesia do cotidiano, postura comum à estirpe dos poetas autênticos. Pode ser no estilo bancário, como Drummond, ou no estilo boêmio-romântico, como Vinicius de Moraes, mas tem que ser autêntico. Como João Cabral. Torquato militou na poesia radical, autêntica, com um cotidiano punk, urbano, sem disfarces. Com ele era tudo ou tudo. É dele a frase: “Cada louco é um exército”. Seria a estratégia de

quem, como bem disse Augusto de Campos, “simplesmente deu as costas ao sol”. Foi Torquato quem rejeitou o termo Tropicalismo, para evitar a aceitação passiva de mais um ismo. Para ele era Tropicália, palavra inventada pelo igualmente radical Hélio Oiticica, de quem Torquato era amigo. Aliás, nesta época, Oiticica criou uma das mais emblemáticas expressões de fúria da linguagem tropicalista: “Seja marginal, seja herói”.

Agora, o nunca

Festeja-se o poeta ao completar 45 anos de sua trágica morte, desfecho radical — em forma de suicídio — meticulosamente escolhido para o dia do

aniversário: ao completar 28 anos, em novembro de 1971, Torquato Neto abriu o gás. Minutos antes, escreveu um bilhete deixando claro o seu estado de espírito naquele momento: “Pra mim, chega”.

Ao receber a trágica notícia, o poeta curitibano Paulo Leminski, um admirador igualmente radical (podemos dizer, da mesma matiz), saiu-se com essa:

“Como Buda, Confúcio, Sócrates ou Jesus, Torquato não deixou livros.”

Notáveis, claro, são os diários de Engenho de Dentro (oficialmente Hospital Psiquiátrico Pedro II), sanatório carioca onde o poeta fez morada nos períodos de baixa estima, um deles em 1971. São textos marcados pela descontinuidade, fragmentados como o tempo que se vivia, igualmente radical. Um exemplo:

“Um recorte no meu bolso, escrito ontem cedo, ainda em casa: ‘quando uma pessoa se decide a morrer, decide, necessariamente assumir a responsabili-

dade de ser cruel: menos consigo mesmo, é claro, é difícil, pra não ficar teorizando feito um idiota, explicar tudo, é chato, e isso é que é mais duro: ser nojento com as pessoas a quem se quer mais bem no mundo.”

Diga-se: são textos encontrados em seus cadernos de anotações, que foram transformados em livro depois de sua morte, embora — tudo indica — não fosse essa a intenção de Torquato.

Na letra de “Marginália II”, uma parceria musical com Gil, um inventário de desesperança, que acabou virando dado biográfico de quem já ensaiava o desfecho:

“aqui meu pânico e glória
aqui meu laço e cadeia
conheço bem minha história
começa na lua cheia
e termina antes do fim”

Reprodução



Entre Caetano e Elis (e ao lado de um desconhecido), no tempo dos festivais.

“Assim, a obra de Torquato, quando analisada em sua totalidade, no conjunto, se revela um estilhaço.”

Ivan Cardoso



Scarlet Moon e Torquato com a capa de Nosferato.

Da mesma forma, quase sorrateiramente, foi encontrado no seu prontuário do sanatório Meduna, em Teresina (onde aconteceu sua última internação), um indisfarçável e esclarecedor diagnóstico médico que, ao ser traduzido do código secreto de números, se podia distinguir em uma única palavra: esquizofrenia.

Estava explicado o comportamento caótico e a fase confusa na qual o poeta estava mergulhado. Para aqueles que o acusavam de ser “excêntrico” ou “exagerado”, a revelação do diagnóstico funcionou como uma cruel explicação. Ou um tapa na cara.

Geleia geral

Foi no Meduna, durante uma internação voluntária de alguns dias, no final da vida, que Torquato desenvolveu a revista *NAVILOUCA*, um marco da nova poesia brasileira, reunindo um elenco (escolhido por ele) de poetas-experimentadores: Wally Salomão, Duda Machado, Hélio Oiticica, os irmãos Haroldo e Augusto de Campos, Décio Pignatari e outros. Inclusive ele, que aparece no mosaico da capa em foto feita nos corredores do Meduna. A revista, entretanto, seria editada por Wally e Oscar Ramos (designer) após a sua morte, em 1974, como edição única, e acabaria se tornando um símbolo da vanguarda brasileira.

Torquato era cinéfilo de carteirinha, frequentador de várias salas de exibição, sobretudo do Cine Paissandu, a coqueluche carioca no final dos anos 1960. Foi um experimentador em Super-8, com o cineasta Luiz Otávio Pimentel, outro nome da *NAVILOUCA*. Juntos eles fizeram *Helô e Dirce* (uma corruptela de “falou e disse”); e *O terror da Vermelha*, filmado por Torquato e Carlos Galvão em Teresinha, no bairro da Vermelha, que tinha a seguinte peculiaridade: era a história de um maníaco que matava pessoas em série, um serial killer, sendo que todas as vítimas são vividas por parentes de Torquato, inclusive Dona Salomé e Dr Heli, seus pais.

Assim, a obra de Torquato, quando analisada em sua totalidade, no conjunto, se revela um estilhaço, esculpido a golpes de máquina de escrever e goles de conhaque — como uma poesia de cordel, que ele tanto admirava. A parte mais suave (ou menos dramática) de sua produção vem das parcerias musicais.

Com Gilberto Gil ele fez um dos hinos da Tropicália, a agitada e festiva “Geleia Geral”:

Um poeta desfolha a bandeira e a manhã tropical se inicia
resplandente, cadente, fagueira num calor girasol com alegria
na geleia geral brasileira que o Jornal do Brasil anuncia
Ê, bumba-yê-yê-boi ano que vem, mês que foi
Ê, bumba-yê-yê-yê é a mesma dança, meu boi (...)

Com Edu Lobo, um campeão dos festivais, Torquato se afastou da linha baiana/tropical para escrever um dos clássicos da MPB, a suave e serena “Pra dizer adeus”:

Adeus
Vou pra não voltar
E onde quer que eu vá
sei que vou sozinho
Tão sozinho amor... (...)

Um detalhe pertinente: Torquato não tocava nenhum instrumento e era desafinado. Foi visto algumas vezes acompanhando a música na caixinha de fósforo. Sobraram para ele as letras das canções, a linguagem, fina ou grossa, mas sempre impregnada de poesia. Sim, Torquato Neto, apesar de “marrento”, era um poeta. Parafraseando um poema do ídolo Drummond, ele cunhou uma imagem que lhe serviria como definição:

“Quando eu nasci/ um anjo louco/ muito louco/ veio ler a minha mão/ não era um anjo barroco/ era um anjo muito louco, torto/ com asas de avião/ eis que este anjo me disse/ apertando a minha mão/ com um sorriso entre dentes/ vai bicho/ desafinar o coro dos contentes.” (“Let’s play that”)

Tudo bastante autobiográfico, expressão da realidade. Como os versos de “Cogito”, seu poema mais conhecido:

“Eu sou como eu sou, pronome pessoal intransferível do homem que iniciei na medida do impossível (...) eu sou como eu sou, vidente, e vivo tranquilamente todas as horas do fim”.■



Antologia poética

DA REDAÇÃO

A editora Autêntica vai lançar uma antologia poética (ainda sem título) de Torquato Neto em novembro, quando se completam 45 anos da morte do poeta. A seleção dos poemas e letras é do escritor Ítalo Moriconi. Ele diz que o livro vai compilar o “essencial” da produção do artista, a partir do seu ponto de vista. “Como o Torquato não deixou livros, sua obra foi sendo construída de acordo com as visões daqueles que tentaram organizar sua produção. Esta antologia é uma seleção. Não quero esgotar o artista, mas mostrar o que é mais representativo na obra”, diz. A antologia também trará textos que Torquato Neto escreveu na imprensa carioca, nas colunas “Geleia Geral”, publicada pelo jornal *Última Hora* entre agosto de 1971 e março de 1972, e “Música Popular”, veiculada primeiramente no *Jornal dos Sports*, entre março e setembro de 1967 – posteriormente transferida para o mítico tablóide *O Sol*, periódico que Caetano Veloso imortalizou na canção “Alegria, alegria”.

Depois de estabelecido no circuito musical, como compositor e crítico, Torquato foi aos poucos ampliando seu leque de interesses, passando a flertar com o cinema, com as artes visuais e com o jornalismo alternativo. “Mas ele conseguia transitar nas duas frentes: no *mainstream* e no *underground*. O projeto da revista *NAVILOUCA* já era resultado dessa ampliação de referências, da troca de ideias com artistas como o Hélio Oiticica”, diz Moriconi, que também reuniu na antologia duas cartas de Torquato Neto endereçadas a Oiticica.

O anjo torto

Com uma trajetória breve, marcada por crises existenciais, Torquato Neto viveu uma vida poética, sem distanciar o cotidiano do sonho

TONINHO VAZ

Arquivo da família



Torquato fotografado na juventude.

Nome certo é Torquato Pereira de Araújo, Neto (assim, com a vírgula). Filho da contradição: o pai, renomado espírita kardecista, e a mãe católica, beata das igrejas e das orações. Ele, Heli da Rocha Nunes, era advogado e fez carreira como promotor. Ela, Maria Salomé da Cunha Araújo, a Sazinha, era professora primária e chegou a ser diretora da escola onde lecionava. Uma família de classe média bem estruturada em Teresina, que pôde oferecer ao filho único um estudo qualificado; inicialmente no Colégio Batista e depois no Colégio Marista, já em Salvador, onde Torquato conheceu Glauber Rocha, Caetano Veloso e Gilberto Gil, seus futuros parceiros na vida e na música.

Antes de morar no Rio de Janeiro, Torquato foi passar férias escolares na então capital federal. Foi quando conheceu Jards Macalé, um morador do Jardim de Alah e frequentador de botequins no chamado Bar 20, limite de Ipanema com Leblon. Macalé já estava ligado à música e foi, certamente, um grande incentivador de Torquato, ao fortalecer uma parceria entre ambos.

No Rio, onde se aninhou e fez morada, Torquato fez também história, primeiro como frequentador da combativa UNE, na praia do Flamengo, onde dormia no dia do golpe Militar, 1º. de abril de 1964. Depois, como jornalista e letrista de músicas de sucesso, daquelas de tocar no rádio. Sua coluna “Geleia Geral”, publicada no jornal *Última Hora*, era leitura obrigatória nos meios musicais cariocas. Algumas vezes ele abriu o texto chamando seus leitores de “idiotas”, “otários”, usando de sarcasmo para criticar a apatia política do brasileiro em época de radicalismo:

“Bom dia, otário, o carnaval passou, a alegria também e tudo ficou maravilhoso, os problemas todos resolvidos...”

Não raro criava polêmicas, sobretudo quando implicou e trocou palavras ásperas com dois ídolos da multidão: o cantor e compositor Ataulfo Alves e o cartunista Jaguar, que o chamou de “a falsa baiana” no tabloide *O Pasquim*. Torquato sempre foi corajoso e destemido. Assim, na primeira oportunidade que encontrou Jaguar, em uma calçada de Copacabana, ele atravessou o caminho do desafeto e disparou, arrancando-lhe os óculos do rosto e jogando-os ao chão: “Você já é cego, não precisa disso”.

O reencontro no Rio com os parceiros Gil e Caetano aconteceu na hora certa. Nessa época, os músicos jovens, motivados pela onda de modernidade e pela nova mídia (televisão), estavam tinindo de ideias e criações ousadas. Maria Bethânia, irmã de Caetano, mostrava seu talento no teatro Teresa Raquel encenando o impactante show Opinião, com João do Vale e Zé Ketí. Foi um grande e histórico sucesso de *Morte e vida Severina*, de João Cabral:

Esta cova em que estás, com palmos medida
É a conta menor que tiraste em vida

É de bom tamanho, nem largo, nem fundo
É a parte que te cabe deste latifúndio

Não é cova grande, é cova medida
É a terra que querias ver dividida (...)

Bethânia fora chamada na Bahia para substituir Nara Leão. Assim, Caetano, a pedido da família, veio acompanhando a irmã. Quando eles chegaram ao Rio, em janeiro de 1965, já encontram Torquato circulando pela cidade.

A oportunidade e a vitrine dos festivais de música da TV Record, em São Paulo, foi o estímulo definitivo, em 1967, para detonar a explosão tropicalista, com “Alegria, alegria”, de Caetano, “Geleia geral” e “Louvação”, parcerias de Torquato com Gil. A música eletrificada dos Mutantes, acompanhando Gil em “Domingo no parque”, foi uma nova referência, enquanto a ala da MPB discutia a validade da tecnologia “na arte”. A considerar, no contexto, que a turma da Jovem Guarda, Roberto Carlos à frente, estava igualmente armada de guitarras e amplificadores — e por isso mesmo rotulada de “infantilóide”. Foi assim que tudo aconteceu — e Torquato estava no torvelinho dessa vertigem. É a este específico momento que Augusto de Campos se refere quando diz que “Torquato deu às costas ao sol”, exatamente quando tudo tinha dado certo. Qual o signo dele? Escorpião, claro!

Torquato, o Breve, teve a sorte de não ser intérprete, de não estar com suas fotos estampadas nas revistas semanais. Podia ter sido pior. Quando a repressão chegou forte, referendada pelo Ato Institucional nº. 5, em dezembro de 1968, os alvos preferidos foram

os parceiros Gil e Caetano — primeiro para a prisão e depois para o exílio. Em seguida, Torquato partiu para o exílio voluntário: Paris e Londres (viajou de navio com Oiticica), onde teve um encontro rápido e nebuloso com Jimi Hendrix, em uma cerimônia para consumo de drogas ilícitas. Chico Buarque já estava na Itália, e Geraldo Vandré no Chile. Tudo vinha sendo registrado nas páginas d’*O Pasquim*, onde Caetano escrevia regularmente de Londres. Como diria Glauber Rocha, a terra estava em transe.

Foi o ano mais longo e sofrido na vida do poeta. Foi o momento da ruptura, das amizades e da vida. Ele não era mais amigo dos baianos e, ao romper com o grupo, perdia também os parceiros e os intérpretes — ficava isolado. A doença se agravou e vieram as internações em Engenho de Dentro e no Meduna. Como ele mesmo diria nessas circunstâncias: “O diabo está vencendo”. Resultado: foram duas tentativas de suicídio. Na segunda, ele conseguiu. Depois de passar a noite em um bar com amigos, comemorando o aniversário, Torquato abriu o gás na madrugada. Já era 10 de novembro de 1971. Deixou viúva Ana Duarte e um filho pequeno, Thiago. ■

Arquivo da família



Trabalhando na agência de notícias do Galeão, em 1965.

Para ler Torquato

DA REDAÇÃO

Os últimos dias de Paupéria

Eldorado, 1973

Em 1973, um ano depois da morte de Torquato, os escritos do artista foram reunidos num livro póstumo de pouco mais de cem páginas, *Os últimos dias de Paupéria*, organizado por sua mulher, Ana Maria Duarte, e pelo amigo Waly Salomão. A segunda edição, de 1982, era bem mais completa, com cerca de 300 páginas.

Juvenílias

UPJ produções, 2012

Esta coletânea reúne os primeiros poemas de Torquato, escritos entre seus 17 e 19 anos. Mesmo jovem, o autor já utilizava os versos para investigar temas profundos, como a angústia humana e a morte.

Torquatália

Rocco, 2004

O livro, organizado por Paulo Roberto Pires, reúne o material publicado em *Os últimos dias de Paupéria* e outros textos até então inéditos em livro.

Para ouvir Torquato

Geleia geral

Mamãe coragem

Soy loco por ti, América

Ai de mim, Copacabana

Let's play that

Go back

O fora da lei

TONINHO VAZ

Ivan Cardoso



Retrato do poeta feito por Ivan Cardoso.

Ao longo de pelo menos dez anos como biógrafo de Torquato Neto, foram muitas as palestras e bate-papos em eventos literários ou salas de aula, em diversas cidades brasileiras. Quase sempre encontros marcados pela apatia geral das pessoas sobre a vida e/ou a obra do poeta. Torquato sempre foi um assunto para iniciados. Pouco se sabe dele. Um dia, porém, tornou-se especial neste contexto: foi durante o Salão do Livro de Picos, no Piauí, cidade onde nasceu e morreu o doutor Heli Nunes, advogado e promotor, pai de Torquato. Eu me dirigia a uma plateia de aproximadamente 60 pessoas, a maioria professoras da rede pública de ensino. Nenhuma participação durante quase uma hora de conversa, um monólogo, apesar dos meus esforços para criar um ambiente de discussão. No final, quando eu já agradecia a presença de todos e começava a me despedir, eis que uma senhora levanta o braço nas últimas filas da plateia e formula a sentença que veio animar o encontro:

“Professor, eu não posso sair daqui e voltar para casa sem saber uma coisa.”

“Pois não!”

“Me diga: como eu posso recomendar aos meus alunos um poeta maldito?”

Houve um murmúrio geral, com muitas outras professoras assentando a questão colocada.

“Muito bem, o tema é pertinente.”

Todas concordaram e voltamos a nos sentar.

Eu então expliquei — em mais meia-hora de conversa — que a palavra “maldito” não devia ser interpretada no sentido bíblico; “maldito” por não ter a graça de Deus. Não. Em literatura, existe a herança dos poetas franceses da geração do absinto, Baudelaire, Rimbaud e Verlaine, os primeiros a serem chamados de “malditos”. Eles idolatravam e seguiam os passos do verdadeiramente maldito da história, o original, o errante François Villon (1431-1474), poeta, ladrão e boêmio. Os poetas “sujos” frequentavam a noite parisiense para esbravejar nas tavernas esfumaçadas: “Mort a Dieu”. Na bravura e no calor dos embates poéticos estava criada a mística do poeta maldito, aquele predestinado a morrer por amor, pela pátria ou pela liberdade. A ideia era levar um estilo de vida que se diferenciava do resto da sociedade, aqui considerada como algo hipócrita e alienante. A evasiva acontecia pelo uso de drogas ou pelo comportamento extravagante. Ou pelas duas coisas.

Assim aconteceu com Torquato Neto, o Breve, que viveu em uma época de poucas expectativas, quando se tinha que lutar — diariamente e sem tréguas — pela própria liberdade. ■

Balada homenageia Torquato

DA REDAÇÃO

Nos dias 20 e 21 de setembro, o poeta Torquato Neto será homenageado em sua cidade natal, Teresina (PI). Estão programados bate-papos, shows e saraus poéticos. Tudo girando em torno da figura e da obra do poeta da terra. A programação inclui a participação dos músicos Carlos Rennó e Jards Macalé, do poeta Omar Salomão, além de artistas locais. “Será uma grande festa, vamos reunir os amigos do Torquato para celebrá-lo”, diz Wellington Soares, editor da revista de cultural piauiense *Revestrés*.

A festa em Teresina será uma prévia da 12ª Balada Literária, que homenageia o autor de “Pra dizer adeus” e acontece de 8 a 12 de novembro, na Vila Madalena, em São Paulo (SP). Por lá, segundo Marcelino Freire, criador do evento, vão passar amigos e parceiros de Torquato. A mesa de abertura vai reunir o filho do poeta, Thiago Nunes, e o primo do compositor, George Mendes. “Além dos parceiros que Torquato fez no Rio, muitos artistas de Teresina estarão presentes. Vamos estreitar distâncias e mostrar o quanto o poeta influenciou, e influencia, gerações de artistas. Será uma verdadeira geleia geral”, diz Freire. A programação completa da Balada está disponível em www.baladaliteraria.com.br.



Divulgação

George Mendes, primo de Torquato Neto, e Marcelino Freire, escritor e criador da “Balada Literária”, evento que este ano homenageia o poeta piauiense.

Torquato inédito

DA REDAÇÃO

Está em fase de produção um disco com letras inéditas de Torquato Neto. O projeto é conduzido e financiado por George Mendes, primo do poeta piauiense. O álbum vai se chamar *Inéditos entre nós* e terá 17 faixas. Uma das músicas (“Quero viver”) já foi gravada por cantor e compositor Chico César em seu trabalho mais recente, *Estado de poesia* (2015). A maior parte das faixas do disco será gravada por artistas locais do Piauí. O objetivo é que até o final de 2017 o CD seja lançado.

Moura passou a administrar o acervo de Torquato em 2013, após 38 anos sob responsabilidade de Ana Duarte, viúva de Torquato. Desde então, organizou e digitalizou todo o material, que será disponibilizado no site www.torquatoneto.com.br.

Em vida, Torquato havia deixado 33 composições. Após a organização do espólio, esse número chegou a 100 letras. É dessa pesquisa que saiu o material para o disco. “A impressão que tínhamos é que o Torquato era pouco preocupado com a organização de sua produção. Mas quando analisamos o acervo, descobrimos outra realidade. Os textos estavam bem organizados, alguns com data e até a indicação de quem ele gostaria que interpretasse a composição”, diz Moura, que mantém os originais e outros materiais (roteiros, fotografias, diários e fotografias) sobre o legado do poeta em uma sala de sua agência de publicidade em Teresina (PI).

RECORTE



Kelly. Diz que veio lá de Ourém mas pra mim é maranhense. Vai ver já é até foló, disse a Irene. Péra lá, Irene, não força. A menina é jeitosa. Periguete, mas aqui vai fazer sucesso. Tê mete! O macho dela vive rondando de moto. Distribui crack na João Alfredo. Eu, hein? Tenho mais o que fazer. E eu lá vou me meter!

E lá estava a Kelly. Morena de corpo bem feito. O que fazia na Primeiro de Março? Seus atributos poderiam levá-la a clubes noturnos com público de maior poder aquisitivo. Ali, em breve o corpo estragaria, a mente explodiria e puf, desapareceria. Andava de top e shortinho, mostrando tatuagens, pra lá e pra cá, rebolando. Andava rebolando, mas rápido, parecendo resolver vários assuntos importantes ao mesmo tempo. Batonzinho básico e esse frescor da juventude que ilumina por onde passa. Quantas kellys já passaram por ali? Que o digam a Raimunda, a Maria, Irene, coroa, algumas com casa montada e tudo e clientela seleta. Amor? Amor? Vem cá. Tudo bem? Vamos fazer um amorzinho gostoso? Não, obrigado. Eu sou aí do teatro. Ah, do teatro. Do pessoal que faz cultura, né? E não tem uma vaga pra mim? Não, acho que não, mas de repente, quem sabe, eu te chamo, tá bom? Eu sou a Kelly. Tem certeza que não quer ir ali comigo? Também tenho umas coisas pra vender. Não, obrigado. Tchau. Tchau, amorzinho.

Riachuelo e Primeiro de Março. A primeira liga duas avenidas importantes, Presidente Vargas à Padre Eutíquio. Mas ali, naquela meiuca da Campina, funcionou uma lendária zona de

prostituição. Hoje, acabou. Restam dois ou três bares. Quartinhos imundos. Putas velhas com alguns velhinhos que recebem a aposentadoria e vão pra lá. E de repente, algumas meninas novas, cada vez mais novas, atiradas, ousadas, desafiadoras. Rápido se tornam as donas do pedaço. A Primeiro de Março é a lata de lixo da Presidente Vargas. E há consumo de crack. A Polícia passa, faz revista, mas nunca acha. O Teatro e sua gente são respeitadas. Muito. Relação ótima. O público nunca vai correr perigo. Isso é certo. Mas nem sempre a turma se comporta.

Domingo. Tarde da noite. A sessão terminara. Pela Primeiro de Março, uma birosca havia começado vendendo pipoca, Cheetos, refrigerante, sabão, coisas básicas. Agora vendia bebida. Agora tinha som alto. A galera estava mamada. A festa começou desde que o Bento passou no final da manhã, pela Praça da República, tocando merengue. A algazarra perturbou os atores. Fomos lá, na boa e nada. Veio a baratinha, conversou e seguiu na ronda. Kelly dava um show de tecnolody. O namorado, jogado num canto, apreciava. Apareceu a Rotam. Moradores ligaram. Correria. O motoqueiro se mandou. A birosca não tinha alvará pra nada. Lá vai o dono. A Kelly rebarbou. Encarou. Tu queres me dá-lhe tu me dá-lhe. Agora tu vai pagar se me encostar um dedo. Vamos, me dá-lhe que eu quero ver. Me dá-lhe. O guarda tentou pegar o braço. Levou na cara. Mão aberta. Foi demais. Devolveu. Rolou na calçada suja. Levantou

com uma pedra. Veio o Peito de Pombo, de gestos largos quando está bêbado. O pernetá, que pede esmola pra fumar crack. Puxaram pelo cabelo. Ela agatou. Jogaram na viatura. A Rotam foi e ficou o silêncio. Um olha pro outro. Cada um pro seu canto.

Passaram três, quatro dias. Vejo Kelly botando quente no Bom Paladar, na esquina com a Riachuelo. Rosto inchado. Murros. Na barriga. O namorado libertou. Não contou como. Nem eu sei. Agora tinha uma colega. Deusa. Uma moleca de 14 anos se tanto. Kelly sua heroína. Olhos esgazeados de crack. Top, shortinho e topando todas. Chegou o namorado. Montou na garupa. A moleca também. Saíram rindo e felizes. Poderosos. Fiquei com vontade de ligar pro Ismael. Ele faria uma bela reportagem. Foi bom não ligar. Acabei ganhando a matéria.

A Érica está se desfazendo aos poucos. Foi mais uma Kelly. Branquinha, bonitinha, olhos espertos. Pegou a coisa. Não tem mais cabelo. Um ou dois dentes. Corpo cheio de feridas. O que resta é um humor ácido e inteligente. Fez dois canudos de papel e botava na cabeça, dizendo que a Kelly já era e a dona do pedaço agora era a Deusa. A Deusa? A molequinha de peitinhos salientes, bundinha assanhada e que era aprendiz da Kelly? Essa não. O Ricardão veio e crau! E a risada da Érica? Tinha uma mordacidade feroz. E todo mundo rindo. O pernetá se divertia. O Peito de Pombo, também.

Lá vêm as duas. A Kelly arrastava pelo cabelo a Deusa. Tinha uma faca de cozinha em uma das mãos. Havia san-

gue nas mãos da moleca. Parava onde tinha galera. Agora diz quem é a dona do pedaço. Diz. Quem é dona do homem. Do motoqueiro. Terminou? Pede perdão. Pede. Vamos adiante. Vai nada. O Peito de Pombo se meteu. Tu vais parar com isso agora mesmo. Aqui mesmo. Acabou. Tá doida? Dás ouvido pra qualquer uma? Isso não é contigo, velho. Sai que vai sobrar pra ti. Comigo não. Tu me respeita. Levou facada, mas foi de raspão. Não continuou. A Luana, mulher do Peito de Pombo, se rebarbou. Eles moram na rua. Na esquina. O Peito de Pombo lê jornal, despacha, conversa, trafica também. Ela até atende telefonemas. Mas agora Luana deu-lhe no pé do ouvido. O que é que tu tens com essa piva? Se ela está apanhando é porque merece. Me incomoda a violência. Ah, te incomoda? Tu pensas que eu não ouvi que tu andaste te engraçando pro lado dela? Hein? O Pernetá me disse que pediu pra ela o xibiu mas ela deu foi pra ti. E foi esse o pagamento do crack. Cadê o dinheiro? Agora confessa se tu és homem. Diz aí se tu és homem, agora, na frente de todo mundo. Mulher, tu me respeita que eu não sou macho de ser peitado assim na frente da galera. Tu me respeita. Então diz aí, macho de merda. O Peito de Pombo se atacou. Saiu cantando colchonete, roupa, sapato, fazendo um monte. A Luana tentou impedir mas levou safanão. Ficou de longe, xingando. O Peito de Pombo tocou fogo. Doido. Tocou fogo, o sacana. E virou pra ela e disse. Tu me respeita. Tu não mexes comigo. Agora tu vais ver. A fogueira cresceu.

A Luana se mandou. O Peito de Pombo ficou com os braços parecendo aqueles bonecos de posto de gasolina. Vieram os bombeiros. Risco do fogo atingir a fiação elétrica. Mas não sobrou nada.

A Deusa ficou sem as duas orellhas. Alguém contou. Foi parar na Casa de Transição, depois foi pro... de Menores. E o vício de crack? Sei lá. Naquela noite, o motoqueiro ficou girando por todos os quarteirões entre a Padre Eutíquio e Presidente Vargas, procurando, procurando. De manhã cedo os programas policiais de rádio, o Barra Pesada e a turma do Diário do Pará trabalhando ali perto daquele prédio grande da Importadora, na Carlos Gomes. O pernetá contou. Tava na fissura por crack e nessa, o cara faz qualquer coisa. Nem raciocina. Quase não dava pra reconhecer a Kelly. Talvez pela tatuagem de um anjo, no calcanhar. O motoqueiro passava de moto sobre seu corpo quando a Rotam chegou. Eles se atrasaram um pouco. Kelly era a isca da armadilha, mas não deu. TRAFICANTE MATA NAMORADA PASSANDO COM A MOTO SOBRE SEU CORPO. Os repórteres vieram checar algumas informações. O único que quis falar foi o Kiko. Mas o Kiko não tem condições. Não diz coisa com coisa.

Noélia é o nome, a Irene disse. Aposto que esse cabelo dela é pintado e alisado. Irene, dá um tempo. Tu não dispensas nenhuma? E eu vou lá gostar de concorrência? Irene, tu já passaste dos 60, tens tua clientela, poxa. Mas sabe lá, de repente um boyzinho desses se engraça. E olha que eu sou foló. ■

ANJO



Eu era moleque e passava todos os dias, pela 3 de Maio, na baixada da Matinha, subindo para as aulas no Vilhena Alves. Ela ficava sentada, esparrramada em uma cadeira velha, na calçada, em frente à casa, dona do lugar. Uma imperatriz ciente de seu poder. Os cabelos revoltos, tinham sempre uma ajudante a pentear. O pente deslizava longamente e ela às vezes fechava os olhos, deliciada. Aparecia alguém, ela encarava, ouvia, a ajudante ia lá dentro, voltava, entregava, recebia alguma coisa e retornava à delícia do pente. Delzuite, a rainha da Matinha. Perguntei para a mãe que desconversou. Não te mete por lá ou levas uma surra. Aumentou a curiosidade. Uma vez, Delzuite não estava na porta. Dentro da casa, escura, havia um pequeno caixão. Sei lá. Um ano depois, talvez, outro caixão. A mãe disse que era da fazedora de anjos. Como assim? Passa o tempo. Já tinha 15 anos e saía pela noite, com amigos. Claro que fumávamos maconha, vendida pela Delzuite. Agora eu sabia as restrições da mãe. Não tínhamos dinheiro, fazíamos uma coleta e o fumo passava por todos. Só uma animação, mistério, coisa de rapazes. Uma noite, vinha sozinho. Foi então que a vi. Pele negra, cabelos lisos, até a cintura, encostada na mureta do canal. Fumava e soltava a fumaça em longos sopros. Era Yemanjá, filha de Delzuite, figura lendária na Matinha. Passava as noites por ali, fumando. Os colegas falavam dela como algo inalcançável. O mistério era maior porque ela era a tal “fazedora de anjos”.

Engravidava e perdia, todos os anos. Por isso a sua tristeza, melancolia, noite adentro. Fui passando perto, como quem não quer nada, querendo. Ela chamou. Ei, branco. Vem cá. Eu? Hum, pensas que eu já não te vi te abicorando e me olhando? Desculpe, Dona Yemanjá. Que dona, que nada. Para com isso. Tédoidé? Queres me fazer velha? Conversamos a noite inteira. Nunca toquei no assunto dos anjos. Me apaixonei de primeira. Desejo. Sonhava com ela. Vinha andando e ela surgia, nua, negra, os cabelos em brasa e quando tentava ir, aparecia um homem branco, todo de branco e me dizia não vai. Perigo. Acorrava excitado, assustado. E passava à noite. Estávamos lá, fumando e chega um homem. Quem é esse? Ela disse que eu era o branco dela. Só pra conversar. Ela fez um sinal, deu um tchau rápido e foi com ele. Fiquei naquela mureta de canal arrasado. Ainda era um moleque. Foi isso o que ela me mostrou. Mas na noite seguinte, voltei. Os colegas faziam graça, invejosos. E eu fazia com que pensassem que me dava bem. Havia até um respeito. Eles tinham namoradas e até nem eram mais virgens. Eu tinha a minha. Yemanjá. Meus sonhos preferidos eram com ela. Não me disse nada sobre o que aconteceu. A barriga começou a crescer. Entendi. Me afastei. Fiquei pelos cantos. Calado. Agredido. Evitava passar por lá. Disse que havíamos brigado. Estudava para as provas. A mãe comentou achando graça. A fazedora de anjos entregou mais um. Saí correndo. Lá estava o caixão. Não tive

coragem de entrar. Vigiei e ela não aparecia na mureta. Apareceu. Fui chegando. Meu branco sumiu?

É. Estava estudando. Eu sei, eu sei. Estás com quantos anos? Dezesesseis em dois meses. Não deu certo? Não. Mais uma vez. Aspirou fundo e soltou a fumaça. Parece uma pssica. Na noite seguinte, cheguei cheio de ideia. Yemanjá, balbuciei, a gente podia casar. Te tirar daqui. Tenho o estágio e logo faço vestibular, tenho emprego. A gente morava no meu quarto, lá com minha mãe. Ela riu amarelo. Casar? Eu e tu, meu branco? Só me faltava mais essa. Eu sonho contigo todas as noites. Muita gente sonha. O meu sonho, ninguém realiza. Quem sabe, comigo? Tu és ainda um moleque, meu branco. Se bem, que... Me olhou de cima a baixo. Tu já estás bem grandinho. Bonitão. Mas deixa pra lá, meu branco. Vai atrás dessas periquitinhas que vivem olhando pra ti. Vamos ficar amigos, como sempre. Engoli. Mas voltei e voltei e voltei. Me aproximei. Ela deixou. Beijei seu pescoço. Seu cangote. Senti aquele cheiro almíscar fortíssimo. Ela amoleceu. Meu branco. Tu sabes onde estás te metendo? Sei. Eu quero. Vem cá. Me levou pela mão até a casa, de madeira, toda torta. Pediu silêncio. Delzuite dormia. Um quartinho. Cheiro de mofo. Suor. Atulhado de roupas. Cama desarrumada. Sentei. Ela tirou a roupa e eu perdi a virgindade. Aquela pele negra, os cabelos, o cheiro do sexo. Mergulhei naquela mulher Amazônia sem passagem de volta. Ela me ensinou, orientou. Suas pernas

longas fechavam meu corpo, apertavam como uma boiuna. Sua boca sugava a minha, e seus olhos desvendavam meus pensamentos. Agora, todas as noites, assim. A mãe cobrou. O pai preocupou. As notas caíram. Ela me esperava na mureta. Uma noite Delzuite apareceu. Quem é esse pivete? Meu branco, mãe, não se meta. Me olhou e atravessou minha alma, como quem vê passado, presente e futuro. Deu de ombros e foi. Tu ainda queres casar? Tô grávida. Eu sentia orgulho de macho, medo do futuro. Meus pais não sabiam. E eu não parei de estar com ela. Estava no cursinho pré-vestibular e vieram me chamar. Ouvia de longe os gritos. Chegou a ambulância. Quem é o pai. Me olhavam assustados. Ela era um mulherão, adulta. Eu era um adolescente metido a adulto. Esperei até que veio a notícia. Um menino. Mas a mãe não suportou. Fez um silêncio estrondoso no meu peito. O amadurecimento de uma vez. O menino ficou com meus pais. Eu no velório. Escuro. O cheiro. As orações, diferentes. Clientes indo e vindo. Quando voltei do enterro, Delzuite me chamou. Ela queria tanto um neném! Me trazes ele, de vez em quando, só pra eu ver? Não conta pra ele, nada dela. Essa vizinhança é muito fofqueira. Vai viver a tua vida, tu e o meu neto. Mas não esquece dela. Linda ela, não era, ela? Lá se foi, enorme, lenta, atender seus clientes. O menino cresceu, joga futebol com os amigos, moleque de rua. Seu nome é Anjo. ■

 **Edyr Augusto** nasceu em Belém (PA), em 1954, onde vive. É jornalista, radialista e autor de teatro. Publicou, entre outros livros, as coletâneas de poesia *Navio dos cabeludos* (1985) e *Ávida vida* (2011), o livro de contos *Um sol para cada um* (2008) e os romances *Os êguas* (1998), *Moscow* (2001) e *Pssica* (2015). Sua obra está traduzida na França e nos Estados Unidos.

Caravana Literária leva 15 autores a 30 cidades do interior do Paraná



Divulgação

Na segunda edição do projeto Caravana Literária, 15 autores vão percorrer 30 municípios do interior do Paraná e da Região Metropolitana de Curitiba para falar sobre suas obras e temas ligados ao universo literário. A iniciativa da Biblioteca Pública do Paraná faz parte da programação do Mês da Literatura, projeto da Secretaria de Estado da Cultura que, entre 24 de agosto e 23 de setembro, promove atividades de incentivo à leitura com entrada gratuita. Shows, palestras e exposições completam a programação.

Cada autor visitará duas bibliotecas. As instituições selecionadas para receber os escritores abrangem as mais variadas regiões do Estado — dos Campos Gerais ao Sudoeste paranaense — e são referências entre as quase 500 bibliotecas cadastradas no Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas do Paraná, coordenado e administrado pela BPP. Foram contemplados os seguintes municípios: Apucarana, Barracão, Cambé, Carambeí, Campo Mourão, Cascavel, Cianorte, Guarapuava, Ivaiporã, Mamborê, Mandaguari, Morretes, Paranaguá, Paranavaí, Paula Freitas, Pato Branco, Perobal, Pinhão, Pinhais, Piên, Ponta Grossa, Rio Negro, Santo Antônio do Sudoeste, São José dos Pinhais, Terra Boa, Terra Rica, Umuarama, União da Vitória, Toledo e Vitorino.

Autores

A Caravana Literária teve início em 24 de agosto, data escolhida em referência ao dia de nascimento de Paulo Leminski (1944–1989). Quem inaugurou os bate-papos foi Toninho Vaz, biógrafo do poeta curitibano. Ele esteve em Ivaiporã e Mandaguari (dias 24 e 25 de agosto, respectivamente), onde falou sobre o autor de *Catatau* e outros de seus biografados, como o letrista e jornalista Torquato Neto.

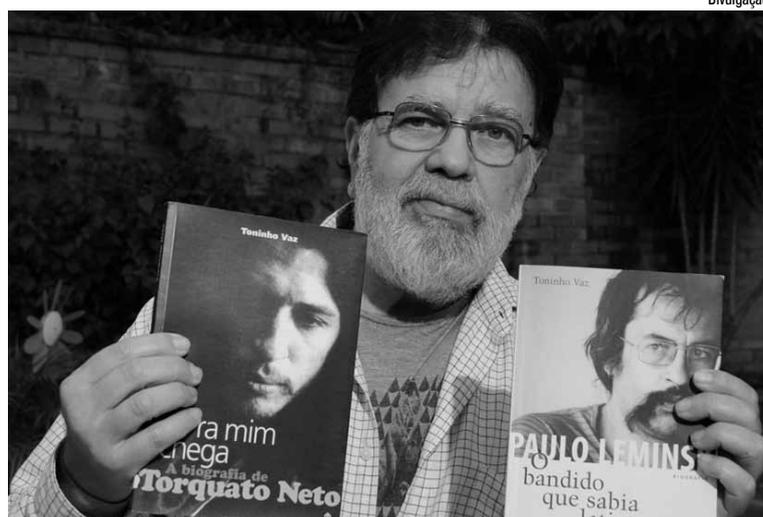
Entre os convidados, há romancistas (Milton Hatoum, Santiago Nazarian e Reinaldo Moraes), escritores infantojuvenis (Flávio de Souza), poetas (Adélia Maria Woellner e Rodrigo Garcia Lopes), contistas (Cíntia Moscovich e Luiz Ruffato), cronistas (Luís Henrique Pellanda e Adriana Sydor),

autores que transitam por mais de uma linguagem (José Roberto Torero e Nelson de Oliveira) e escritores de literatura fantástica (Thiago Tizzot), entre outros. Um recorte plural e diversificado da cena literária brasileira contemporânea.

Inserido no Plano Estadual do Livro, Leitura e Literatura (PELLL), o Mês da Literatura é uma ação que já entrou no calendário cultural do Estado. “Tivemos um retorno bastante interessante da primeira edição do projeto, por isso ampliamos de maneira considerável as atividades em 2017. Os pequenos e médios municípios do Estado são carentes de atividades culturais e, por esse motivo, a descentralização dos ações da SEEC é importante”, diz o secretário de Estado da Cultura, João Luiz Fiani.

O diretor da BPP, Rogério Pereira, destaca o aumento do número de convidados e municípios que participam da Caravana Literária. “Em 2016, 11 autores visitaram 25 cidades do interior. Este ano, são 15 escritores em 30 municípios. O objetivo é que, a cada ano, o projeto cresça e possa contemplar um público cada vez maior. Também vale ressaltar a seleção dos autores, representativa da diversidade da literatura brasileira contemporânea.”

A abertura oficial do Mês da Literatura aconteceu em Maringá, no dia 24 de agosto, com o show Leminskanções (Estrela Leminski e Téo Ruiz) e a palestra “Links para Leminski”, com José Miguel Wisnik. ■



Toninho Vaz abriu a programação da Caravana Literária no dia 24 de agosto, em Ivaiporã. No dia seguinte, 25, visitou Mandaguari.



Autor do best-seller *Dois irmãos*, Milton Hatoum conversa com os leitores de Carambeí e Ponta Grossa.



As cidades de Rio Negro e Piên recebem a paranaense Adriana Sydor, autora de livros de crônicas e obras infantojuvenis.



A premiada autora gaúcha Cíntia Mosovich fala sobre sua carreira e experiência como leitora em encontros em Pinhais e São José dos Pinhais.

CASO OS TIGRES NÃO ME RECONHEÇAM

MHel Adonis Ilustração



Volto para a floresta de onde não devia ter saído. Agora voltei a pé, assim como deve ser, depois de andar alguns quilômetros pela rodovia. Tirei a camisa no meio do caminho, pra tomar um pouco de sol na minha carcaça branca, quem sabe assim os tigres não fiquem chocados em me ver. A pele deles oscila entre o alaranjado e o amarelo. Acho que meus olhos nunca vão captar o tom exato. A metrópole ficou pra trás e me aproximo de alguns casebres, onde as pessoas olham com desconfiança. Alguns moradores mostram pavor. Estou indo direto pra dentro do mato fechado, na rede de escuridão estendida pelas árvores. Dos tigres, as pessoas desses arredores conhecem apenas o vulto noturno. Apenas o fedor e os gritos de gozo e de fúria. Muitos por ali juram que já viram os tigres. E acompanham programas na TV falando que tudo não passa de uma grande piada. Os tigres. E ainda dizem que eles estão condenados à extinção nalgum lugar longe do Oriente.

Numa época — hoje já faz certo tempo — vivi uns sete meses, eu acho, ao lado dos tigres. Foi o suficiente para saber da sua inconstância, de quem vive como se não houvesse lugar nenhum para ser e estar. Um desterritório, daria para dizer. Os tigres se esgueiram entre as árvores, tentam resgatar o vento com seus próprios corpos. No fim da tarde, viram de barriga para cima e urram até eliminar todo o pus deixado pelas suas paixões mais violentas. Vez por outra as feras aterrorizam as cores falsas da cidade. Os tigres. Oscilam entre o mito e o estereótipo, entre a fantasia e o clichê —

e adoram isso. A única coisa que deixam aos outros é uma aflição igual a quando vemos a liberdade deste quadrúpede perfeito e não sabemos como nos livrar do engulho na garganta. Da opressão no peito. Dos dentes cerrados. Do balanço no corpo que essa liberdade nos produz.

Depois de ter conhecido os tigres, eu havia retornado à cidade. Na época, já não trazia tantas toxinas no corpo. Meus pelos cresciam grandes, dourados, morenos. Dei a desculpa esfarrapada de que a água bateu nas canelas e eu precisava arrumar emprego. Quando vi, estava de novo encaixado numa mesa de escritório. Essa foi a minha justificativa, mas no fundo sei que não foi bem isso. Devo admitir que nasci nos compartimentos da cidade, aprendi com honra e louvor a lição de nunca deixá-los. Até defendê-los, se preciso. Os tigres pressentiam que um dia eu voltaria para a jaula. Agora, passados alguns anos, estou novamente entre as árvores da floresta. Não é preciso ir muito longe, os tigres não se afastam tanto assim. Caminham na fronteira da sociedade, dentro, fora. Estão perto, se afastam. Longe, mas presentes. Eles vão jogando com o espaço que os homens ainda deixam intocado. Mas não dá para esquecer: às vezes, sem que ninguém saiba, podem estar no subterrâneo de um prédio, prontos para surrupiar nacos de carne fresca. Logo no início da caminhada, perdi as referências e a direção do lugar por onde entrei. E esta é a primeira exigência se quiser encontrá-los. As árvores estão cheias de marcas de garras

no seu lenho. Os felinos também costumam perder seus dentes cravados na madeira. Neste instante, sei que estão perto de mim. Um rufar imperceptível, ainda não estudado ou captado por instrumentos, ecoa pelo chão. Tenho uma vaga lembrança deste lugar. O excesso de informações de onde vim não me deixa retomar aquela velocidade, aquele sentido que eu adquiri ao lado dos tigres. Não consigo sequer uma descarga de emoções — minha razão cínica não permite — expurgando toda essa ciranda de demônios que me fragmenta. Ao reencontrar os tigres, talvez fique constrangido e não saiba como rir das suas piadas. Não vivi, fui homem-mediocre por toda a vida, como posso fingir que não tenho nome, ou recusar a identidade estampada na ponta dos meus dedos? Pior: e ainda ter vontade de rir verdadeiramente de mim mesmo. Como eles vão acreditar que finalmente deixei de lambar o trabalho e todo o resto que me esmaga o espírito? Outra, chegava a varar um riacho saltando. Mas perdi o jeito.

Escurece e os felinos não fazem contato. A essa altura não há mais volta, vou me encostar numa árvore. Talvez os tigres apareçam dançando com seus corpos esguios e me convidem a tomar parte nos seus bacanais. Terei então uma chance e alguns anos de sobra pra viver na brutalidade desses seres, sem qualquer refinamento. Ou talvez eles não me reconheçam — a metrópole alterou meu cheiro —, e prefiram devorar mais um invasor que coloca em risco o seu estar no mundo. ■

 **Pedro Carrano** nasceu em São Paulo (SP), em 1980, e vive em Curitiba (PR). É jornalista e professor. Publicou os livros de poesia *Três vértebras e um primeiro Testamento* (2013) e *Sanga* (2017), além dos relatos jornalísticos *Oaxaca e o poder popular* (2011) e *Cidade das pessoas* (2016). Publica contos semanalmente na coluna "Mate, Café e Letras", do site Terra Sem Males.

CLIQUESES

EM CURITIBA

 Percussionista bastante ativo na cena musical curitibana, **Denis Mariano** foi fotógrafo profissional no começo da década de 2000. As imagens publicadas pelo **Cândido** são dessa época e integram o ensaio *Passeio*, inteiramente produzido com equipamento analógico.





ALEGRIA

Borboletas desaparecem
no porão
Na sala enorme
iluminada
flores se expandem
em meio a vozes moças
alegres
Guirlandas de flores,
de ar
Basta tocar uma delas
(é um sonho)
para que de cada flor
surjam de novo
as borboletas
a voar
seu voo de papel —
amarelo

 **Francisco Alvim** nasceu em Araxá, Minas Gerais, em 1938. Seu primeiro livro foi *Sol dos cegos* (1968). Nos anos 1970, integrou o grupo Frenesi, que constituiu a primeira leva dos chamados “poetas marginais”. É autor de, entre outros livros de poesia, *Passatempo* (1974) e *Elefante* (2000). Alvim vive em Brasília (DF).

